GLÁUCIA VIEIRA CÂNDIDO

ASPECTOS FONOLÓGICOS DA LÍNGUA SHANENAWÁ (PANO)

UNICAMP
1998

UNICAMP

GLÁUCIA VIEIRA CÂNDIDO

ASPECTOS FONOLÓGICOS DA LÍNGUA SHANENAWÁ (PANO)

Dissertação apresentada ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientador: Prof. Dr. Angel H. Corbera Mori

Campinas
1998

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

Cândido, Gláucia Vieira
C161a Aspéctos fonológicos da língua shanenawá (pano) / Gláucia Vieira Cândido. - - Campinas, SP: [s.n.], 1998.

Orientador: Angel H. Corbera Mori
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Línguas indígenas – Fonologia. 2. Língua shanenawá. I.Mori, Angel H. Corbera. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Angel Humberto Corbera Mori - Orientador

Prof.a. Dra. Lucy Seki

Prof.a. Dra. Maria Bernadete Marques Abaurre

Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari- Suplente

Campinas/SP, ... de ..... 1998.

Este exemplar é a redação final da tese defendida por GLÁUCIA VIEIRA CÂNDIDO

e aprovada pela Comissão Julgadora em 31 / 08 / 98

Ao povo Shanenawá

AGRADECIMENTOS

- A todo o povo Shanenawá, pela calorosa acolhida em seu meio, e em especial ao Sr. Militão e à Senhora Iraci, pela dedicação e presteza na informação dos dados.

- Ao Prof. Dr. Angel H. Corbera Mori, por ter dirigido seus conhecimentos para a orientação desta dissertação, pela paciência e, sobretudo, pela amizade dispensada durante todas as etapas do trabalho.

- Aos professores: Dra. Maria Bernadete Marques Abaurre e Dra. Lucy Seki, examinadoras das bancas de qualificação e defesa; e Dr. Luiz Carlos Cagliari, suplente da banca de defesa, que dispensaram valiosa leitura a esta dissertação

- Aos professores do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL-UNICAMP), em especial aos da área de Lingüística Antropológica e Fonologia.

- Ao CNPq, pela bolsa de estudos (proc. n.° 137750/96-0) concedida durante o curso de Mestrado.

- Ao FAEP-UNICAMP, pelo auxílio à pesquisa (trabalho de campo) através do processo PER. /FASE 42/2, Solic. n.° 1045/96.

- À FUNAI, por conceder a entrada na área indígena Shanenawá (autorização n.° 020/CPAP/DINE/97) para realização da coleta dos dados pertinentes a esta pesquisa.

- Ao CIMI (Conselho Indigenista Missionário), nas pessoas de Líliane, Fátima e Eder, que me acolheram nas cidades de Rio Branco e Feijó/AC.

- Ao Prof. Oto Araújo Vale, pelo incentivo à minha afirmação profissional na área de Lingüística.

- À Profa. Dra. Maria Sueli de Aguiar, por ter estimulado em mim o amor pela causa e, principalmente, pelas línguas indígenas.

- À Profa. Mônica Veloso Borges, por suas apuradas leituras críticas, bastante pertinentes, e pelo incentivo de sempre.

- Aos amigos Cristina, Patrícia, Cilene, Frantomé e Aldir, que de uma forma ou de outra contribuíram para a realização desta dissertação, e em especial à Carla, Joana, e Nádima por todos os momentos.

- À minha família, que me incentivou e compreendeu as minhas ausências, e ao Renato, pela espera.

- Finalmente, a Deus, sem o qual nada disso seria possível.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 10
2. O POVO E A LÍNGUA SHANENAWÁ 13
2.1. Informações etnográficas 14
2.2. Classificação lingüística 22
2.2.1. A família lingüística Pano 22
2.2.2. A língua Shanenawá 30
2.3. Metodologia de pesquisa 32
3. DESCRIÇÃO FONÉTICA E FONÊMICA DA LÍNGUA SHANENAWÁ 34
3.1. Descrição fonética dos segmentos 35
3.1.1. Fones consonantais 38
3.1.1.1. Distribuição dos fones consonantais 38
3.1.1.2. Quadro de fones consonantais 49
3.1.2. Fones vocálicos 49
3.1.2.1. Distribuição dos fones vocálicos 49
3.1.2.2. Quadro de fones vocálicos 53
3.2. Análise fonêmica 54
3.2.1. Segmentos consonantais 55
3.2.1.1. Contraste 55
3.2.1.2. Distribuição complementar 57
3.2.1.3. Variação livre 62
3.2.1.4. Quadro de fonemas consonantais 65
3.2.2. Segmentos vocálicos 65
3.2.2.1. Contraste 66
3.2.2.2. Distribuição complementar 67
3.2.2.3. Variação livre 69
3.2.2.4. Quadro de fonemas vocálicos 70
4. DESCRIÇÃO FONÉTICA E FONOLÓGICA DO SHANENAWÁ À LUZ DAS TEORIAS NÃO-LINEARES 71

4.1. Notações preliminares 72
4.2. A estrutura silábica 74
4.2.1. Os tipos silábicos do Shanenawá 75
4.2.1.1. A constituição interna dos tipos silábicos 77
4.3. Os glides labial [w] e palatal [j] 78
4.3.1. As seqüências **wV** e **jV** 80
4.3.2. As seqüências **CwV** e **CjV** 82
4.3.3. As variações livres: **[w]** e **[β]**; e **[j]** e **[dʒ]** 87
4.3.4. As seqüências **Vw** e **Vj** 89
4.3.5. A ressilabificação 93
4.4. O acento 96
4.4.1. O acento em palavras simples 96
4.4.2.O acento em palavras compostas 97
4.5. Outros processos fonológicos 98
4.5.1. Assimilação de consoantes nasais 98
4.5.2. A nasalidade das vogais 100
4.5.3. As vogais nasalizadas em final de palavras 102
4.5.4. Palatalização 105
4.5.4.1. Mudança no ponto de articulação de consoantes coronais 105
5. CONCLUSÃO 108
APÊNDICE I: Vocabulário básico Shanenawá 111
APÊNDICE II: Mapa de distribuição populacional 124
Mapa de hidrografia 125
SUMMARY 126
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 127
7. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA 138

RESUMO

Esta dissertação apresenta uma descrição fonética e fonológica da língua Shanenawá, pertencente à família Pano, que é falada por um povo localizado às margens do rio Envira, no município de Feijó, Estado do Acre, Brasil.

O trabalho está estruturado em três partes básicas, além de dois apêndices e da bibliografia. Os dois apêndices contêm um vocabulário básico e mapas para a localização da área Shanenawá.

A primeira parte é dedicada a informações gerais sobre o povo e a língua Shanenawá e a uma discussão sobre a classificação das línguas da família Pano. Inclui-se ainda nesta parte, a metodologia usada no trabalho de campo para a coleta dos dados utilizados nessa dissertação.

A segunda parte trata da descrição fonética dos sons da língua e da análise fonêmica desses sons, a qual foi feita segundo os aspectos de contraste, variação livre e distribuição complementar.

A terceira parte focaliza a fonologia da língua. Desta feita, as análises são efetuadas à luz de teorias mais atuais, ou seja, a partir das fonologias não-lineares ou autossegmentais. Esta parte aborda a estrutura silábica, o acento e os principais processos fonológicos como: a ocorrência dos glides labial [w] e palatal [j] em posições de Onset e Coda; a assimilação de consoantes nasais em posição de Coda; a nasalidade das vogais e a palatalização de consoantes coronais quando estas figuram em ambientes de vogais anteriores e do glide palatal [j].

Palavras-chave: Línguas Indígenas; Fonologia; Língua Shanenawá.

ABREVIAÇÕES, SIGLAS E SÍMBOLOS UTILIZADOS

: fronteira de palavra

( ): opcionalidade

ˈ : acento primário

ˌ : acento secundário

σ: estrutura silábica

* : estrutura silábica não aceitável

. : fronteira silábica

/ / : representação fonológica

[ ] : representação fonética

< > : representação gráfica

↯ : sinal de dissociação

∅ : zero (nulo)

~ : alternância fonética ou fonológica

‘ ’ : tradução livre

+ : juntura de morfema

=> : passa a ...

1pp : 1ª pessoa plural

1ps : 1ª pessoa singular

2pp : 2ª pessoa plural

2ps : 2ª pessoa singular

C: consoante

CAA: Contraste em Ambientes Análogos

CAI: Contraste em Ambientes Idênticos

Co: Coda

CO: Cavidade Oral

cons: consonantal

cont.: contínuo

cor: coronal

fut.: futuro

interr : interrogação

mod. : modo

N: Núcleo

nas: nasal

neg. : negação

O: Onset

OCP: Princípio do Contorno Obrigatório

PC: Ponto de Consoante

PV: Ponto de Vogal

pass. : passado

poss.: possessivo

pres. : presente

pro: pronome

quantif. : quantificador

r : raiz ("root")

R: Rima

V: vogal

X: unidade de tempo

1. INTRODUÇÃO

Após o contato com outros povos, colonizadores em sua maioria, várias nações indígenas da América, especialmente do Brasil, sofreram consideráveis perdas em seus aspectos culturais, sobretudo, no que diz respeito às suas línguas.

O fato é que desde a colonização sempre houve nas relações entre indígenas e não-indígenas uma certa dominância dos últimos sobre os primeiros. Com isso, o uso da língua dos "dominantes", que poderia ser esporádico ou facultativo, acaba por se impor dentro das culturas indígenas. Contudo, a despeito desse contexto histórico, é indiscutível o direito das mesmas à comunicação (seja oral ou escrita) em suas línguas nativas.

No âmbito dessas preocupações, urge o estudo das línguas indígenas ainda não extintas, visto que, nessa relação assimétrica entre as sociedades indígenas e a ocidental, não raro as línguas indígenas tendem ao desaparecimento. Conforme Krauss (1992), para propósitos científicos, é mais urgente documentar línguas antes que elas desapareçam. E a urgência cresce com aproximidade da extinção.[1]

O Shanenawá (Pano), língua falada por um grupo localizado no Estado do Acre, de acordo com a terminologia de Krauss (1992), está prestes a se tornar uma "endangered language", ou seja, uma língua ameaçada de extinção. Em levantamento feito em 1987, Aguiar (1994a) apresenta-nos um índice preocupante de apenas 5% de falantes monolíngües em Shanenawá contra 20% de monolíngües em Português, e 75% de bilíngües dentre o povo Shanenawá. Atualmente, a situação parece mais assustadora, pois o número

[1] " (...) for scientific purposes, it is most urgent to document languages before they disappear. The urgency increases with the proximity to extinction", Krauss (1992).

de monolíngües em Shanenawá diminuiu consideravelmente com a morte dos anciãos. De igual modo o bilingüismo (Shanenawá-Português) vem cedendo lugar ao monolingüismo em Português.

No intuito de contribuir com o processo de preservação da língua Shanenawá, bem como com o resgate do prestígio da mesma junto aos seus falantes, apresentamos essa dissertação, cujo objetivo é, ainda que de modo preliminar, descrever aspectos fonológicos dessa língua.

O trabalho constitui-se de três partes básicas, dois apêndices e a bibliografia. A primeira parte subdivide-se em outras três, nas quais apresentamos, respectivamente, um histórico do povo Shanenawá, com sua localização geográfica e alguns aspectos concernentes à sua cultura; uma discussão sobre a classificação da família lingüística Pano, objetivando determinar a localização do Shanenawá dentro dessa família; e, por fim, a metodologia usada no trabalho de campo para a coleta do material lingüístico utilizado nesse estudo.

A segunda parte, por sua vez, também se subdivide em duas outras partes. Na primeira apresentamos a descrição fonética dos sons da língua Shanenawá, enquanto na segunda, a análise fonêmica desses sons. Em ambas as etapas baseamo-nos em autores como Pike (1947) e Kindell (1981).

Na terceira parte seguimos tratando da estrutura silábica da língua Shanenawá e de alguns processos fonológicos. Contudo, nesta seção optamos por fazer as análises à luz das teorias mais atuais. Assim, o modelo teórico aplicado é o da Fonologia Autossegmental ou Não-Linear, considerando-se, principalmente, os trabalhos de Clements e Hume (1995), Goldsmith (1990), Kenstowicz (1994), Clements e Keyser (1983), Itô (1986), dentre outros.

Concluímos a dissertação apresentando dois apêndices. O Apêndice I traz um vocabulário básico da língua Shanenawá, constituído por 200 itens lexicais. Já o Apêndice II traz a ilustração de dois mapas do Estado do Acre, um de distribuição populacional e o outro de hidrografia, visando à localização da área Shanenawá.

2.O POVO E A LÍNGUA SHANENAWÁ

2.1. INFORMAÇÕES ETNOGRÁFICAS

O termo *Shanenawá*[2], etimologicamente, é composto pelo radical *shane* 'espécie exótica de pássaro, de cor azul cintilante com aproximadamente 30 cm de altura' e pelo sufixo *nawá* 'povo'[3]. Sendo assim, os Shanenawá seriam conhecidos como o "povo pássaro".

Juntamente com os Kampa, Kulina e Kaxinawá, os Shanenawá constituem a população indígena que habita a região do rio Envira, que corta o Estado do Acre, no município de Feijó, localizado a mais ou menos 700 km ao Norte da capital Rio Branco. A população Shanenawá está dividida em três comunidades: Aldeia Morada Nova, a mais ou menos 2 km ao norte da cidade de Feijó; Cardoso, localizada junto ao Igarapé de mesmo nome, a 20 km ao norte de Feijó; e Nova Vida, que se localiza a uns 10 km ao sul da referida cidade[4].

---

[2] As alternâncias entre as grafias **Shanenáwa** e **Shanenawá** devem-se ao fato de que na literatura corrente o termo **Shanenáwa** segue os padrões prosódicos do Português. Contudo, em nosso trabalho de campo constatamos que os falantes se auto-referem como Shanenawá, seguindo o padrão fonológico da própria língua. Assim, as referências ao povo e à língua em questão grafadas como **Shanenáwa,** dizem respeito a citações de outros autores. De nossa parte, optamos pela grafia **Shanenawá** em consideração à auto-denominação do povo.

[3] Para se fazer referência a vários grupos que tradicionalmente viviam na zona do Alto Juruá e Alto Purús são usados substantivos ou adjetivos acrescidos dos sufixos ***-nawá*** (ou ***-nawa***) ou ***-bo***. Segundo trabalhos etnográficos realizados nessas zonas, tais sufixos são empregados em geral pelos próprios Pano e podem aludir tanto a uma pessoa como a um grupo de pessoas que compartilham uma característica comum (TOWNSLEY, 1994: 247-248). Por exemplo: Sharanáwa 'povo bom'; Kashinawá 'povo morcego'; Mastanáwa 'povo escada'; Tashináwa 'povo amarelo'; Shipibo 'povo pichico - espécie de mico'; Cashibo 'povo morcego' (outro grupo diferente do Kashinawá).

[4] Há ainda uma terceira comunidade denominada Paredão que não é considerada um subgrupo Shanenawá, por ser também constituída por índios Kashinawá.

Sobre sua origem os Shanenawá dizem ser descendentes de um povo que no início do século habitava a região do Rio Gregório e que a literatura antropológica reconhece como Katukina. Aliás, isto tem suscitado amplas discussões por parte de etnólogos e lingüistas, haja vista que o termo "Katukina" foi usado de forma generalizada e incerta para referir-se a vários grupos Pano na região do Alto Juruá, mais precisamente nos rios Gregório e Tarauacá e no seringal Liberdade (Lima, 1994).

Tastevin (1924:79 e 1925:417) apresenta duas alternativas para explicar a confusão em torno da denominação Katukina entre os Pano: a) os não-indígenas equivocadamente teriam atribuído-lhes essa denominação, confundindo-os com os Katukina propriamente ditos; b) a adoção do referido nome teria partido dos próprios indígenas, a fim de evitar a contínua perseguição de que eram vítimas os denominados *nawa*. Essa perseguição é conseqüência do fato de que, enquanto os chamados Katukina tinham relações amistosas com os não-indígenas, os grupos conhecidos como *nawá* eram tidos como ferozes e cruéis.

Segundo comunicações pessoais dos Shanenawá, sua situação enquadra-se na primeira alternativa proposta por Tastevin (1925), tendo em vista que a área que ocupam no momento é oficialmente identificada como pertencente aos Katukina (Aguiar, 1993).[5]

[5] Outros autores apresentam teses semelhantes. Segundo Ribeiro (1982), a zona do Alto Juruá e Alto Purus foi uma das áreas de maior população indígena. Porém, à medida em que nasciam os núcleos civilizados, essa população reduziu-se em poucos anos. A "superficialidade" dos contatos entre não-índios e índios também contribuiu para o alastramento da confusão de nomes, pois os seringueiros, por não estarem interessados em distinções etnológicas ou lingüísticas, atribuíam um mesmo nome a várias tribos diferentes.

A mudança do nome Shanenawá para Katukina teria tido origem no período das "Correrias", iniciado em 1912 e que se caracterizou pela falta de um lugar que lhes garantisse segurança em seu *habitat* tradicional. Assim, nos seus primeiros contatos com os "brancos", as populações índias eram obrigadas a trabalhar como empregadas na coleta de borracha. Porém, ao término dos serviços, eram expulsas da área que habitavam, por isso, muitas vezes passavam fome, ficavam doentes e, como conseqüência, grande parte morria.

Por não terem espaço garantido para sua sobrevivência, os povos índios passaram a reivindicar junto às autoridades locais e federais um território que pudessem assumir como deles. Esse espaço foi "concedido" aos Shanenawá por volta de 1926, através da "doação" feita por um seringueiro da região. Na época dessa doação, as autoridades afixaram uma placa com o nome do grupo que ocuparia a área, mas, por engano, escreveram nela o nome *Katukina*, pertencente a outra etnia. Apesar de estarem conscientes do equívoco, os Shanenawá não puderam protestar e, por isso, até recentemente foram chamados Katukina do Envira (Aguiar, 1993).

O primeiro Shanenawá a chegar ao novo *habitat* foi o Sr. Inácio Brandão, conforme relatam componentes do grupo. Segundo estimativa dos próprios indígenas, atualmente o núcleo familiar Brandão é constituído por mais ou menos 310 pessoas entre adultos e crianças, espalhadas de modo heterogêneo pelas três comunidades citadas anteriormente.

As habitações dos Shanenawá são semelhantes às da maioria das outras etnias da região: as casas são do tipo palafitas, feitas de paxiúba e cobertas com folhas de coqueiro (jacir). O espaço divide-se em aposentos abertos que funcionam como sala de visitas e cozinha; e outros fechados, reservados aos dormitórios. Com a realização de casamentos

interétnicos, a arquitetura dos "brancos" começa a surgir nas comunidades. Atualmente verificam-se, por exemplo, casas no estilo tribal, porém, cobertas por telhas de folha de alumínio e até algumas construídas com alvenaria.

Figura I: Habitação Shanenawá

A mobília, geralmente, é mínima: apenas um fogão a lenha, utensílios de cozinha (colheres, facas, panelas), além de bancos para sentar, que são fixos nas bases laterais da casa. Tradicionalmente os Shanenawá costumavam dormir em redes, mas atualmente a maioria prefere o tipo de cama usado pelos regionais não-índios.

A organização política do povo Shanenawá considera o cacique[6] a autoridade máxima, cabendo a ele resolver problemas internos e servir como representante do grupo

[6] Em nossa primeira viagem à área, o cacique era Militão Brandão, um dos filhos do Sr. Inácio, que habitava em Morada Nova e era auxiliado por seu cunhado Antônio Lúcio e seu sobrinho Manoel, que o representavam nas comunidades de Nova Vida e Cardoso, respectivamente.

junto à sociedade nacional como, por exemplo, em reuniões da OPIRE (Organização dos Povos Indígenas do Rio Envira), em que se discutem problemas referentes à saúde, educação e comercialização de seus produtos.

A economia desse povo é de subsistência[7], centrando-se em coleta, pesca e caça. A primeira se restringe a materiais essenciais, como a paxiúba e a palha, usadas nas construções das casas. Os Shanenawá igualmente coletam envira e tabocas para a confecção de cestos e artesanatos, tais como arcos e flechas, que eventualmente comercializam. A caça, por sua vez, está praticamente em extinção. Já a pesca com redes, tarrafas, anzóis e tinguis, embora escassa, é praticada no rio Envira e nos igarapés Diabinho e Cardoso, que desembocam próximos às comunidades.

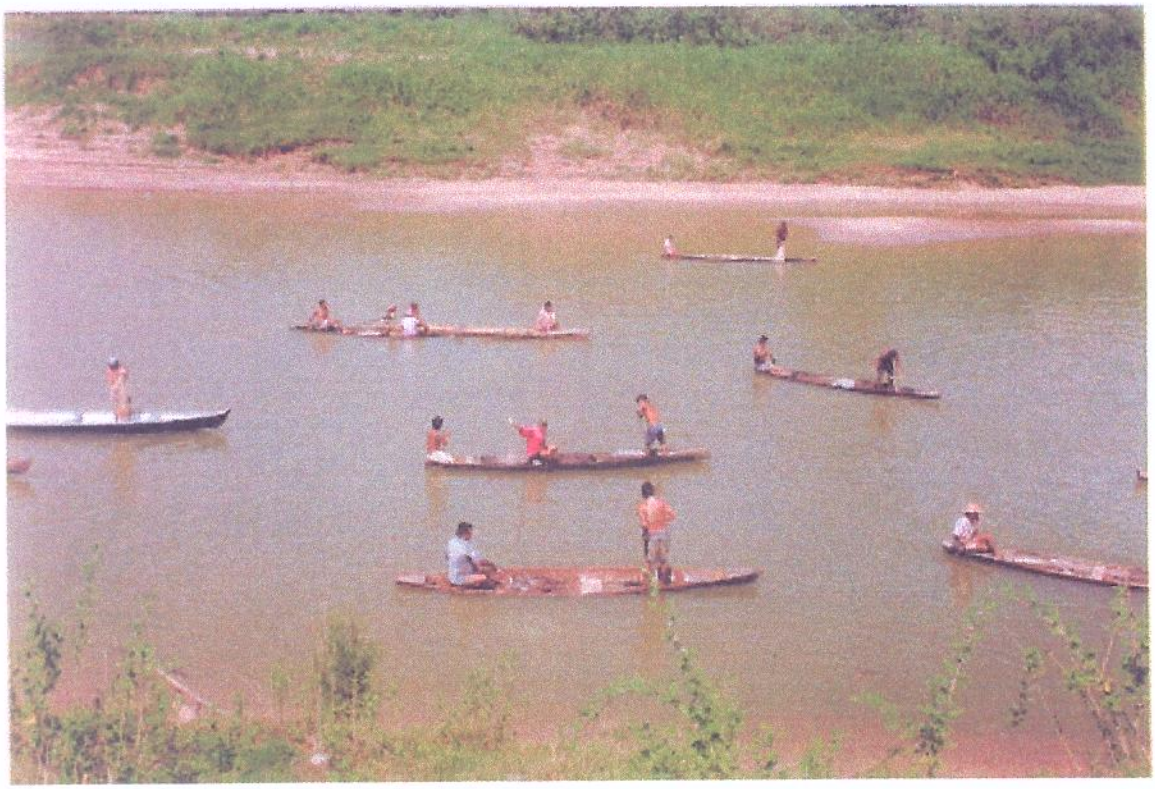


Figura II: Atividade de pesca em período de Piracema, no Rio Envira.

[7] Alguns Shanenawá têm outras fontes de renda: dentre os mais velhos alguns recebem aposentadoria por tempo de serviço realizado nos seringais; e dentre os mais jovens existem professores da rede pública e agentes de saúde.

Além dessas atividades, há também a criação de uns poucos animais para abate, como gado (doado pela FUNAI), galinhas e patos, e o cultivo de alguns alimentos (mandioca, milho, banana, arroz etc.), para autoconsumo ou comercialização visando à obtenção de outros produtos.

No que diz respeito à religião, não parece haver atualmente um líder espiritual ou pajé entre os Shanenawá. Ao que parece, num passado recente os indígenas preocupavam-se em se mostrar católicos como a maioria dos regionais. Nos últimos anos, porém, as religiões evangélicas têm ganhado a simpatia de muitas pessoas das comunidades.

Dentre as manifestações folclóricas típicas, destaca-se o *Mariri*, evento que envolve dança, música, competição e cortejo entre homens e mulheres. Os participantes do *Mariri* se pintam com jenipapo e urucum; as mulheres preparam as comidas e bebidas típicas (mandioca, "kaisuma", mingau de banana madura, açaí, entre outras); e os homens trabalham na construção de objetos usados nas competições, bem como na limpeza dos locais onde serão realizadas as danças e as brincadeiras.

Atualmente é possível observar muitas mudanças no aspecto cultural desse povo. Os hábitos não-indígenas têm tomado o lugar daqueles tradicionais, principalmente no que diz respeito ao uso de roupas de origem ocidental e ao apego às lutas de origem oriental (karatê, judô, kung-fu). Há, além disso, um grande interesse pela migração para grandes centros urbanos, tais como São Paulo, Brasília e Rio de Janeiro.

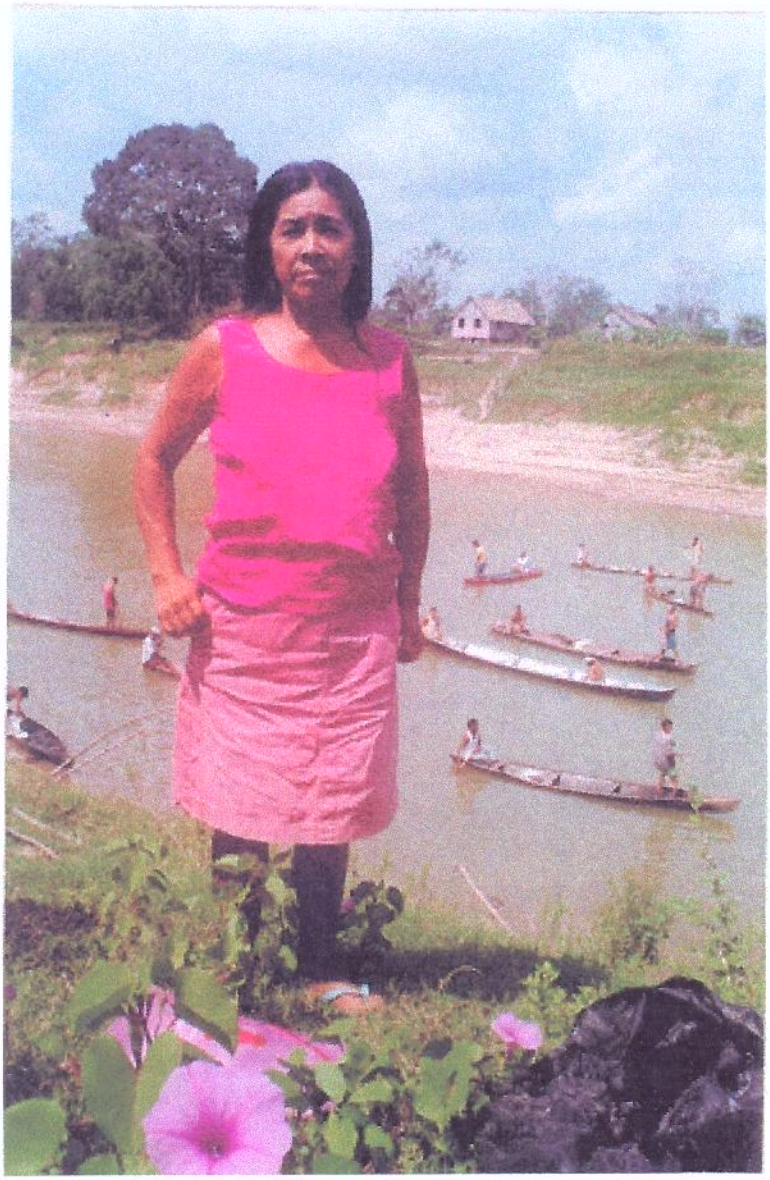


Figura III: Mulher Shanenawá em trajes da cultura ocidental

No que concerne à língua Shanenawá, verificamos que a preocupação em preservá-la é quase exclusiva dos mais idosos, que afirmam com pesar não saberem o porquê dos mais jovens sentirem vergonha de falar na "*gíria*"[8].

[8] O termo *gíria* entre os indígenas tem a conotação de língua enquanto meio de comunicação usado por uma determinada sociedade.

Uma possível causa do desinteresse dos jovens Shanenawá por sua língua materna, bem como por outros aspectos culturais, diz respeito ao fato desses jovens estarem se deslocando para os centros urbanos mais próximos (Feijó, Tarauacá e Rio Branco), a fim de dar continuidade aos estudos ou para trabalhar. O contato permanente com a sociedade não índia tem afetado a manutenção da cultura do povo, pois este muitas vezes sente-se influenciado pela cultura alheia, ao mesmo tempo em que se sente discriminado em relação à sua.

Felizmente, em meio a essa crescente aculturação, é possível notar que alguns dos índios mais jovens reconhecem suas origens e se sentem orgulhosos delas e têm buscado na cultura externa formas de preservá-las. Por isso, reivindicam a obrigatoriedade do ensino da língua materna nas escolas das comunidades paralelamente ao ensino do Português e apoiam a documentação e descrição de sua língua.

Após termos feito um breve histórico do povo Shanenawá, discutiremos a seguir a família Pano, à qual se filia a língua Shanenawá, e, ainda, a metodologia empregada neste estudo.

2.2. CLASSIFICAÇÃO LINGÜÍSTICA

2.2.1. A FAMÍLIA LINGÜÍSTICA PANO

Uma das características marcantes da família Pano é a homogeneidade tanto étnica quanto geográfica, que se deriva da ocupação, por parte de um bloco estimado entre 30 e 35 mil índios, de um território praticamente contínuo que abrange o Peru (região Sul-Este - Departamentos do Ucayali e Madre de Dios), a Bolívia (região Oriental) e o Brasil. Segundo Rodrigues (1986:77), a localização principal das línguas Pano no Brasil:

> " ...coincide com o sul e o oeste do Estado do Acre, de onde se estende para leste até a parte ocidental de Rondônia e, por outro lado, penetra para o norte no Estado do Amazonas, entre os rios Juruá e Javari".

Desde o final do século XIX, quando o francês Raoul de la Grasserie (1890), pela primeira vez considerou a família Pano como um grupo autônomo, muitas classificações foram propostas para as línguas que a compõem. Dentre as principais está a de Rivet (1924), que dividiu a família Pano geograficamente em três grupos: o maior deles composto por cerca de 29 línguas faladas ao longo dos rios Amazonas e Ucayali; o segundo por quatro línguas da região do rio Inambari; e o último por seis línguas e dialetos falados nas zonas dos rios Mamoré e Beni, afluentes do Rio Madeira (Shell, 1985).

Rivet (op. cit.) também observou que a família Tacana, que ele acreditava ser um grupo Arawak, apresentava consideráveis semelhanças gramaticais com a família Pano. Mason (1950) menciona que as línguas Pano e Arawak mostram semelhanças genéticas e de resultados de empréstimo com as línguas da família Tacana da Bolívia. Morfologicamente a semelhança é muito maior entre as línguas Pano e Tacana. McQuown (1955) separa oficialmente o Arawak do Tacana, estabelecendo que esta última seja uma

das 38 famílias menores. Posteriormente, Greenberg (1956) afirma que os grupos Tacana e Pano fundem-se em um tronco, o Macro-Pano (cf. também Greenberg, 1987), e nisso é seguido por Swadesh (1959). Key (1968), ao tratar da fonologia comparada do Tacana, mostra o caráter da relação genética que existe entre as línguas Tacana e as suas vizinhas Pano a leste e oeste.

Sobre o parentesco entre os grupos Tacana e Pano, d'Ans (1970) afirma faltar muito para, enfim, poder se estabelecer com precisão a natureza e o grau desse parentesco, especialmente no domínio da gramática em que Rivet & Loukotka (1952) afirmaram perceber "grandes analogias".

A classificação feita por Schmidt (1926) reuniu as línguas Pano, dividindo-as em três grupos menores - Norte, Sul (Sub-grupos Ocidental e Oriental) e Central, sendo os dois primeiros correspondentes ao maior grupo de Rivet (1924), porém com um número menor de línguas. Loukotka (1944) adota a mesma distribuição geográfica estabelecida por Rivet (op. cit.), apenas com alguns acréscimos e supressões de línguas (Shell, 1985).

Mason (1950) propõe uma classificação para as línguas Pano mais sistemática, agrupando-as em Pano Central, Sul-Ocidental e Sul-Oriental, conforme podemos ver abaixo:

I. CENTRAL

A . Chama (Ucayali)
1. Conibo
a . Conibo
b. Shipibo
a . Caliseca, Sinabo (?)
b. Manamabobo, Manava
c. Setebo
a . Sensi: Casca, Runubu, Ynubu, Barbudo, Tenti, Mananawa (?)
b. Panobo: Pano, Pelado, Manoa , Cashiboyano.

2. *Cashibo (Comabo)*
    a . Cacataibo
    b. Cashiño
    c. Ruño
    d. Buninawa
    e. Carapacho (?)
    f. Puchanawa
    g. Shirinó

B. Curina (Kulino) [9]

C. Capanawa
1. *Capanawa*
    a . Buskipani
2. *Remo*
    a . Sacuya
3. *Maspo*
    a . Epetineri (Impenitari) [10]
4. *Nucuini*
    a . Cuyanawa
5. *Niarawa*
6. *Puyananawa (?)*

D. Amawaca (amenguaca ?)
1. *Amawa*
    a .Cashinawa
    b . Sheminawa
    c . Inuvakeu
    d . Viwivakeu
2. *Pichobo*
    a . Pichobo (Pisobo)
    b. Soboibo
        a . Ruanawa
    c. Machobo
        a . Comobo

E. Catukina[11]
1. *Arara*
    a . Shawanawa
2. *Ararapina*
3. *Ararawa*

---

[9] Em nota de rodapé Mason menciona que o Curina distingue-se dos vizinhos Arawak: Culino ou Culina.
[10] Em outra nota Mason refere-se aos autores Steward e Métraux (cf. Handbook, vol. 3, p. 565), que listam o Ipitinere como sinônimo de Amahuaca. Porém, os mesmos autores consideram o Epetineri como possível grupo Arawakan (cf. Handbook, vol. 3, p. 541).
[11] Em nota de rodapé Mason diferencia a língua Catukina (Pano) de outras denominações Catukina: a) Catukina (Arawak) e b) Catukina (Catukina).

4. *Saninawa*
   a . Saninawacana

F. Juruá-Purús
1. *Poyanawa*
2. *Shipinawa*
3. *Ararawa*
4. *Yauavo*
5. *Yaminawa*
6. *Runinawa*
7. *Contanawa*
8. *Yawanawa*
9. *Pacanawa*
10. *Yumbanawa*
11. *Yura*
12. *Tushinawa*
13. *Marinawa*
14. *Espinó*
15. *Manawa*
16. *Canamari*[12]

II - SUL-OCIDENTAL

A . Arasaire
B. Aisawaca
1. Aisawaca
2. Yamiaca
C. Arauá (?)

III - SUL-ORIENTAL

A . Pacawará
1. Chacobo
2. Caripuná (Jau-navo)
a . Jacariá
b. Pamá (Pamaná)
3. Capuibo
4. Sinabo

B. Zurina (?)

McQuown (1955), ao tratar da classificação das línguas Indoamericanas, não apresenta modificações no agrupamento das línguas da família Pano em relação àquele

[12] Mason também distingue o Canamari (Pano) do Canamari (Arawak) e do Canamari (Catukina).

feito por Mason (1950). Entretanto, McQuown (op. cit.) distribui as línguas Pano, assim como as línguas pertencentes a outras famílias, em ordem alfabética e as localiza geograficamente em relação aos paralelos e meridianos.

Greenberg (1956), ao contrário do que havia sido feito anteriormente, apresentou uma classificação sintética das línguas da América do Sul. O propósito disso era reunir em uma unidade última todas as línguas ameríndias, exceto as dos grupos Na-dene e Eskimo. Assim, propôs oito agrupamentos lingüísticos para a América Latina, sendo três deles somente para a América do Sul, são eles: 1.Macro-Chibchan, 2. Andino-Ecuatorial, 3. Ge-Pano-Caribe. Esse último seria composto pelos blocos Macro-Jê, Macro-Pano, Nambikuara, Huarpe, Macro-Karib e Taruma (d'Ans, 1970). Em sua classificação Greenberg (1987) mantém a hipótese da existência de um tronco Macro-Pano, que seria constituído do seguinte modo:

MACRO-PANO

1. Chama
2. Lengua
3. Lule Vilela
4. Mataco-Guaicuru
    a. Guaicuru
    b. Mataco
5. Mosetcn
6. Pano-Tacana
    a . Pano
    b. Tacana

Impulsionados por Greenberg (1956) sobre a hipótese de uma unidade da origem de todas as línguas ameríndias, outros autores tentaram reconstruir uma língua Pano primitiva, um "Pano Reconstruído". Loos (1973), por exemplo, apresentou reconstruções de vários aspectos da gramática do Proto-Pano.

Em d'Ans (1973b) encontra-se uma tentativa de reclassificação das línguas Pano, com base na aplicação do método glotocronológico. Tradicionalmente a família Pano era considerada com três subdivisões: Pano Central, Pano Sul-Ocidental e Pano Sul-Oriental. O trabalho de d'Ans acima referido e um outro coletivo (cf. d'Ans et alii, 1973) demonstram que os denominados Pano Sul-Ocidentais nunca existiram, mas foram postulados a partir de interpretações errôneas das fontes antigas que tratavam do assunto. As outras subdivisões, Central e Oriental, são classificações puramente geográficas. A proposta de d'Ans é a seguinte:

I. **PANO UCAYALINO**

- Ucayalino A:
  - Shipibo
  - Conibo
  - Capanahua
- Ucayalino B:
  - Panavarro [13]
  - Shetebo ?
  - Wariapano

II. **PANO PRÉ-ANDINO**

- Cashibo
- Cacataibo?

III. **PANO DAS CABECEIRAS**

- Isconahua
- Amahuaca
- Cashinahua
- Pano-Purus:
  - Yaminahua
  - Sharanahua
  - Marinahua?
  - Chaninahua?
  - Mastanahua?
  - Yahuanahua?

IV. **PANO BENIANO**

[13] d'Ans emprega o termo Panavarro para designar a língua Pano, diferente da família Pano, em homenagem ao padre Manuel Panavarro, autor de uma gramática e um dicionário da língua Pano.

Chácobo
Pacaguara?

V. **PANO DO NORTE?**
Mayoruna??[14]

Essa proposta de classificação do autor até agora não foi colocada em discussão. Por outro lado, na época em que d'Ans e seus alunos da Universidade San Marcos (Lima, Peru) fizeram suas pesquisas sobre essas línguas Pano, praticamente nada se sabia sobre as línguas dessa família que eram faladas no Brasil.

Procurando evidências de relações interlingüísticas das línguas Pano com línguas de outras famílias, autores como Suarez (1969, 1973) sugerem uma possível relação entre Moseten-Pano-Tacana e um Macro-Pano-Tacana. Nesse caminho vão as pesquisas de Loos (1973), autor que vê uma estreita relação entre as famílias Pano e Tacana e também com o Moseten (língua tratada como pertencente a um tronco independente ou de possível filiação Arawák). Nos trabalhos sobre a Gramática do Proto-Pano, Loos tem sugerido igualmente uma relação, embora bastante distante, entre as línguas da família Pano com o Mapuche e também com o Quechua.

Shell (1985) fez a primeira comparação sistemática de dados lingüísticos demonstrando a regularidade de correspondências fonológicas em sete idiomas Pano.

[14] As classificações lingüísticas propostas por Mason (1950), Greenberg (1956) e d'Ans (1973) são instrumentos básicos para todos aqueles que se interessam pelas línguas indo-americanas, sobretudo, aquelas pertencentes à família Pano. Afinal, além de fornecerem informações sobre localizações específicas das línguas, ainda constituem um valioso material para os comparativistas. Infelizmente, nem sempre esses materiais estão acessíveis nas bibliotecas. Diante disso, achamos pertinente reproduzi-las neste trabalho, visando a facilitar o trabalho dos pesquisadores em línguas indígenas.

Mais recentemente, Rodrigues (1986), ao classificar as línguas indígenas do Brasil, aponta a família Pano como isolada, por não estar classificada em tronco. Segundo esse autor as línguas da família são: Amawáka (AM), Karipuna (RO), Katukina (AC), Kaxarari (RO), Kaxinawá (AC, AM), Marubo (AM), Matis (AM), Mayá (AM), Mayorúna (AM), Nakuini (AM), Poyanáwa (AC), Yamináwa (AC) e Yawanáwa (AC).[15]

[15] Ressaltamos que esse estudo engloba apenas as línguas Pano do Brasil, deixando de mencionar aquelas faladas na Bolívia e no Peru.

2.2.2. A LÍNGUA SHANENAWÁ

Lingüisticamente o Shanenawá é classificado pelo ISA (Instituto Socioambiental) como pertencente à família Pano (Ricardo, 1996). Entretanto, tendo em vista apontamentos constantes da literatura lingüístico-antropológica, o Shanenawá não seria considerado uma língua, mas um possível dialeto da língua Katukina, pertencente à família Pano, que é falada por três grupos distribuídos em localizações geográficas diversas do Estado do Acre, respectivamente, nas aldeias de Olinda, no Município de Cruzeiro do Sul; Sete Estrelas, no Município de Tarauacá; e Morada Nova, no Município de Feijó (Conselho Indigenista Missionário, 1985).

Como já o dissemos em (1.1.), "Katukina" foi considerado um termo genérico que chegou a ser atribuído a cinco grupos lingüisticamente distintos e geograficamente próximos (Rivet, 1920) - o que deu margem a alguns mal-entendidos. Atualmente esses grupos foram reduzidos a apenas duas famílias lingüísticas: os Katukina da família Pano, e os da família Katukina (Rodrigues, 1986).

Aguiar (1993: 143) assume que o grupo de Feijó, assim como sua língua, não seriam Katukina, mas sim Shanenawá, e que a referida língua seria classificada como pertencente à família Pano. Barros (1987) menciona que os índios Katukina de Sete Estrelas e Olinda afirmam não entenderem a língua falada pelo grupo de Feijó. De igual modo, ao questionarmos os indígenas de Feijó se entendiam a língua falada pelos indígenas de Sete Estrelas e Olinda, recebemos resposta semelhante. Por esses motivos, assumimos neste trabalho a referência "Shanenawá" para a língua a ser analisada, bem como para o povo cuja área está localizada às margens do rio Envira, em Feijó.

Os trabalhos lingüísticos de Barros (1987) e Aguiar (1988, 1994b) referem-se às variantes da língua Katukina faladas nas aldeias de Olinda e Sete Estrelas e não àquela falada pelo subgrupo Katukina "Shanenawá" da aldeia Morada Nova. O trabalho de Barros (op. cit.) trata da fonêmica do Katukina, e os trabalhos de Aguiar (op. cit.) tratam de aspectos históricos, fonológicos e sintáticos dessa língua.

2.3 METODOLOGIA DE PESQUISA

Nosso primeiro contato com dados da língua Shanenawá deu-se no final do ano de 1994, através da participação (estágio) no projeto ***Organização de Arquivo Pano***, de autoria da pesquisadora Maria Suelí de Aguiar, no âmbito do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás. Na oportunidade tivemos acesso a informações gerais sobre o grupo e a língua, bem como a um limitado material lingüístico (duas fitas cassetes gravadas em 1987, contendo listas lexicais e algumas sentenças). A análise desse material resultou em uma monografia de final de curso de Bacharelado em Lingüística (Cândido, 1995).

Somente após dois anos, pudemos finalmente conhecer as aldeias, onde consolidamos de modo satisfatório nossas bases de pesquisa. Segundo as lideranças do grupo, não havia ainda um interesse concreto de pesquisadores pela língua da comunidade e, por isso, se demonstraram receptivos, solícitos e empenhados em ajudar no que fosse possível.

Nossos colaboradores foram o Sr. Militão Brandão, 46 anos; a Sra. Maria Iraci Brandão, 63 anos; Raimundo Nonato Brandão, 17 anos; e Kennedy Roneike Brandão, 8 anos. Estes últimos, como os demais jovens do grupo, falam muito pouco a língua e apenas para efeito de averiguação fonética gravamos algumas poucas palavras com eles.

Em nosso trabalho de campo gravamos oito fitas cassetes com dados que registram principalmente o léxico e aspectos da morfologia que nos permitem identificar os processos morfofonêmicos da língua, textos com conversas espontâneas e músicas folclóricas. A

coleta do material lingüístico foi feita a partir de elicitação junto aos informantes, a qual foi transcrita foneticamente, usando os símbolos do IPA - *Alfabeto Fonético Internacional*.

Na coleta dos dados utilizamos o questionário lexical, contendo 232 itens de *Rowe Standard Comparative Vocabulary*; os 140 itens do léxico de Swadesh (1959); o questionário do SIL (Sociedade Internacional de Lingüística) e Museu Nacional, e um questionário elaborado por nós mesmos a partir de outros questionários e listas de vocábulos de outras línguas e que segue um critério semântico. Visando ainda a um estudo comparativo, utilizamos uma lista lexical que foi gravada por Aguiar (1987).

Não há em Morada Nova um lugar ideal para a realização das gravações e, por isso, nossas fitas apresentam uma série de imperfeições causadas por ruídos externos (vozes de crianças, animais, barcos, vento etc.), que dificultam, algumas vezes, a audição e identificação de segmentos fonéticos da língua Shanenawá. Nossa falta de experiência somada a um certo desconforto de nossos colaboradores também contribuíram para a imperfeição de nossas primeiras gravações. Exemplo disso está no fato de que, ainda que lhe fosse solicitado que repetisse cada dado elicitado, os informantes não o faziam e acabamos decidindo aceitar seu comportamento.

Tendo apresentado informações sobre a origem e alguns aspectos culturais do povo Shanenawá, um histórico sobre a família lingüística Pano e a classificação da língua Shanenawá dentro dessa família, e, finalmente, a metodologia de pesquisa utilizada em nosso trabalho de campo, passaremos ao próximo capítulo, no qual trataremos da descrição, propriamente dita, da língua Shanenawá em seus aspectos fonético e fonêmico.

3. DESCRIÇÃO FONÉTICA E FONÊMICA DA LÍNGUA SHANENAWÁ

3.1. DESCRIÇÃO FONÉTICA DOS SEGMENTOS

Os sons da fala originam-se e são modulados em função da presença de ar no aparelho fonador, ou seja, no conjunto de órgãos do corpo humano envolvidos na produção da fala. O aparelho fonador subdivide-se em três partes: a respiratória, a fonatória e a articulatória, conforme suas funções na produção da fala (Cagliari, 1981).

A parte respiratória constitui-se pelos pulmões, brônquios, pela traquéia e pelas estruturas envolvidas no processo da respiração e que formam as cavidades infra-glotais. É na parte respiratória que se inicia a produção da fala. A maioria dos sons são produzidos com uma corrente de ar pulmonar egressiva, isto é, durante a fase expiratória da respiração. Assim, o ar acumulado nos pulmões durante a inspiração é expulso em direção à laringe. Essa etapa implica o processo *aerodinâmico* da produção da fala (Ladefoged, 1971, 1975).

A laringe constitui a parte fonatória da aparelho fonador, pois nela ocorre o processo *fonatório* da produção da fala. Na glote, um pequeno orifício que liga a traquéia à laringe, encontram-se as cordas vocais, que ao se juntarem completamente, representam um obstáculo para a passagem do ar que procede dos pulmões. Entretanto, o acúmulo de ar acaba forçando as cordas vocais a se separarem, permitindo que o ar escape pela laringe e passe a ter características acústicas, ou seja, que se realize como um som da língua.

O som pode ser classificado como *surdo* ou *sonoro*. Se na passagem do ar pela glote as cordas vocais estiverem separadas o bastante de modo que não vibrem, o som será *surdo;* por outro lado, se houver vibração das cordas vocais quando estas forem forçadas a se separar para dar passagem ao ar, o som será *sonoro*.

A parte articulatória do aparelho fonador constitui-se pelas cavidades supra-glotais. Essa parte subdivide-se em três regiões, segundo a configuração de quatro cavidades que a compõem: a faríngea, a oral ou bucal, a labial e a nasal. Na parte articulatória executam-se os processos *oro-nasal* e *articulatório* da produção da fala.

O processo *oro-nasal* inicia-se quando o ar atinge o *trato vocal*, que se subdivide em *oral* e *nasal*. Se o ar passa pela faringe e pela boca, ou seja, pelo *trato oral*, o som produzido é oral; se passa pelas fossas nasais, isto é, pelo *trato nasal*, tem-se um som inerentemente nasal. Uma terceira possibilidade é a de que o ar passe tanto pelo trato oral como pelo nasal, do que resultaria um som nasalizado. O que faz com que o ar siga pelo trato nasal ao invés do oral é a ação do palato mole (ou véu palatino), órgão móvel localizado na parte posterior da boca, cujas funções são abrir e fechar a entrada das fossas nasais.

No trato vocal encontram-se os *articuladores,* isto é, os órgãos usados das mais diversas formas para modular o timbre dos sons pelas diferentes configurações das cavidades supra-glotais. Os articuladores classificam-se em dois tipos: os inferiores, isto é, os lábios inferiores e a língua; e os superiores, que são os lábios superiores, os dentes, os alvéolos, o palato duro, o palato mole, a úvula e a faringe. No trato nasal estão as fossas nasais, articuladores cujas formas e volumes são fixos e, por isso, o seu efeito ressoador é sempre o mesmo (Malmberg, 1954).

Os articuladores, cujas funções na produção da fala constituem o processo *articulatório,* exercem importante função na produção da fala, pois são eles que estabelecem distinções entre os sons como, por exemplo, aquela entre consoantes e vogais. Na produção das consoantes a corrente de ar tem sua passagem obstruída de *modo*

completo ou não pelos articuladores, o que não ocorre na produção das vogais, uma vez que a corrente de ar passa livremente pelo trato vocal. Essa é, então, uma distinção estabelecida pelo *modo de articulação*.

Um outro parâmetro de classificação fonética dos sons da fala, no que diz respeito ao processo *articulatório*, é o *ponto de articulação*. Os sons consonantais, por exemplo, distinguem-se entre si pelo *ponto* de contato dos articuladores inferiores com os superiores, como na produção de [t], em que há o contato entre a lâmina da língua e o alvéolo, por isso, esse som é denominado alveolar. No caso das vogais, a distinção por ponto de articulação é mais ampla, pois elas distinguem-se pela altura da língua no momento da passagem do ar (alta, média e baixa); pelas regiões articulatórias (anterior, central e posterior); pela tensão (tensa e distensa); pela abertura e fechamento do véu palatino (oral e nasal); e, ainda, pela postura dos lábios (arredondado e não-arredondado).

A partir dessas considerações, apresentaremos a seguir a descrição fonética dos sons da fala shanenawá. Para a referida descrição utilizaremos os símbolos do International Phonetic Alphabet (Alfabeto Fonético Internacional) de Wells & House (1995).

3.1.1. FONES CONSONANTAIS

A língua Shanenawá é constituída por 25 fones consonantais, sendo que dentre esses, apenas dois são glotais: o oclusivo [ʔ] e o fricativo [h], enquanto os demais são supra-glotais. A seguir apresentaremos a distribuição dos contóides [16] dessa língua.

3.1.1.1. DISTRIBUIÇÃO DOS FONES CONSONANTAIS

1. [p] oclusivo, bilabial, surdo; ocorre em posição inicial e medial de palavra, antecedendo vocóides[17] e em posição inicial de palavras, antecedendo o glide [j]:

(1) (a) [**p**iw ' tʃiʔ] 'costas'
(b) [**p**os ' toʔ] 'ventre'
(c) [ma ' **p**uʔ] 'cabeça'
(d) [i ' **p**aʔ] 'pai'
(e) [**p**jakɜ̃na ' teʔ] 'arco'

2. [t] oclusivo, alveolar, surdo; ocorre em posição inicial e medial de palavra, antecedendo vocóides, e em posição inicial de palavras, antecedendo o glide [w]:

(2) (a) [**t**a ' kaʔ] 'figado'
(b) [**t**aka ' raʔ] 'galinha'

[16] De acordo com os estudos fonéticos clássicos, empregaremos na parte fonética os termos *contóide* e *vocóide* para as realizações fonéticas sem referência à sua função na língua (Weiss, 1988). Já na parte fonêmica utilizaremos os termos *consoante* e *vogal* para os sons cuja estrutura e função no sistema lingüístico Shanenawá já tenham sido classificadas e definidas, respectivamente.

(c) [tos ' to?] 'papo'

(d) [ʂiw ' ta?] 'dente'

(e) [twa ' te?] 'cana'

(f) [tɨw ' ti?] 'colar'

3. [d] oclusivo, alveolar, sonoro; ocorre em posição inicial de palavra, antecedendo vocóides altos [i] e [u]:

(3) (a) [dɨw ' ci] 'nariz'

(b) [du ' sa?] 'sal'

(c) [dɨ ' wɨ?] 'machado'

(d) [du ' no?] 'cobra'

(e) [dɨ ' wɨ?] 'juriti'

4. [c] oclusivo, palatal, surdo; ocorre em posição inicial e não inicial de palavra, antecedendo os vocóides altos anteriores [i] e [ɨ]:

(4) (a) [ci ' ʃi ?] 'coxa'

(b) [βaci ' ʃi?] 'noite'

(c) [miʃci ' te?] 'pedra'

(d) [aja ' cɨ] 'beber'

---

[17] Idem nota anterior.

(e) [saβu ' **c̈i**] 'vestimenta'

(f) [ɾu ' **c̈i**] 'vento'

5. [k] oclusivo, velar, surdo; ocorre em posição inicial e medial de palavra, antecedendo os vocóides centrais [ɨ], [ɜ̃] e [a]:

(5) (a) [**kɜ̃** ' na?] 'relâmpago'

(b) [**kɨ**ta ' wɨ?] 'asa'

(c) [ta ' **ka**?] 'figado'

(d) [fa**kɨ** ' hu?] 'criança'

(e) [ma ' **kɨ**?] 'piranha'

(f) [pja**kɜ̃**na ' te?] 'arco'

6. [q] oclusivo, uvular, surdo; ocorre em posição inicial e medial de palavra, antecedendo os vocóides posteriores arredondados [u], [ũ] e [o]:

(6) (a) [**qu**s ' **qo**?] 'urubu'

(b) [**qũ** ' ma?] 'nambu galinha'

(c) [iʃtiw ' **qo**?] 'macaco'

(d) [pu ' **qu**?] 'tripa'

(e) [ʂa**qu** ' hi?] 'cobra cega'

7. [ʔ]: oclusivo, glotal, surdo; ocorre somente em final absoluto de palavra, precedido apenas por vocóides ou por glides:

(7) (a) [pi ˈ ʃiʔ] 'costela'

(b) [ʂiw ˈ kiʔ] 'calango'

(c) [ˈ fuʔ] 'cabelo'

(d) [amɜ̃n ˈ teʔ] 'marimbondo'

(e) [a ˈ βaʔ] 'anta'

(f) [i ˈ soʔ] 'macaco preto'

(g) [ˈ tʃæjʔ] 'primo'

(h) [ˈ ʂiwʔ] 'verde'

8. [m] nasal, bilabial, sonoro; ocorre em posição inicial e medial de palavra, antecedendo vocóides:

(8) (a) [ˈ **m**aʔ] 'partícula de negação'

(b) [ˈ **m**ɜ̃] 'partícula interrogativa'

(c) [**m**i ˈ tuʔ] 'seco'

(d) [fi ˈ **m**iʔ] 'fruta'

(e) [pu**m**ɜ̃ ˈ naʔ] 'cará'

9. [n] nasal, alveolar, sonoro; ocorre em posição inicial e não inicial de palavras, antecedendo vocóides ou outros contóides alveolares:

(9) (a) [**n**a'i?] 'céu'

(b) [**n**ɨw 'ĩ] 'minhoca'

(c) [ɨ ' **n**i?] 'rio'

(d) [piw ' **n**o?] 'veia'

(e) [twã**n** ' ti?] 'remo'

10. [ɲ] nasal, palatal, sonoro; ocorre em posição medial de palavra, precedido dos vocóides altos [i], [ũ] e antecedendo os palatais [c] e [j]:

(10) (a) [pũɲ ' jɜ̃] 'braço'

(b) [fuʂpĩɲ' jɜ̃] 'sobrancelha'

(c) [aũɲci ' na?] 'nome'

(d) [palĩɲ ' ci?] 'orelha'

(e) [iɲ ' jɜ̃] 'lagoa'

(f) [tʃa?ĩɲ ' c̃i] 'falar'

11. [ŋ] nasal, velar, sonoro; ocorre em posição medial de palavra e em final de palavra, antecedendo o fone velar [k]:

(11) (a) [mĩŋ ˈ kaj?] 'preposição "em"'

(b) [piw ˈ ʂɜ̃ŋ # kiɾi ˈ kaj?] 'vou para casa'
piw ʂɜ̃ŋ - kiɾi - kaj
casa ir fut.

(c) [ɾutũŋ ˈ kɨ̃] 'morder'

12. [N] nasal, uvular, sonoro; ocorre em posição medial de palavra, antecedendo o fone oclusivo uvular surdo [q]:

(12) (a) [ɾatũN ˈ qo?] 'joelho'

(b) [miɾiN quɾɜ̃ni ˈ hĩ] [18] 'voltar'

13. [ɾ] tepe, alveolar, sonoro; ocorre em posição inicial e medial de palavra, antecedendo vocóides:

(13) (a) [ɾi ˈ cĩ] 'nariz'

(b) [ɾi ˈ wi?] 'machado'

(c) [ta ˈ ɾi?] 'roupa'

(d) [fu ˈ ɾo?] 'olho'

(e) [ʃa ˈ ɾu?] 'arder'

(f) [ʂa ˈ ɾa?] 'abelha'

[18] Por enquanto, só encontramos esses dois exemplos de ocorrência desse som na língua.

14. [β] fricativo, bilabial sonoro; ocorre em posição inicial e medial de palavra, antecedendo o vocóide [a]:

(14) (a) [βa ˈ mu?] 'porco'

(b) [ʂa ˈ βa?] 'dia'

(c) [aβa ˈ mɜ̃] 'quem?'

(d) [βa ˈ si?] 'capim'

15. [f] fricativo, lábio-dental, surdo; ocorre em posição inicial e não inicial de palavras, antecedendo vocóides:

(15) (a) [fi ˈ tʃi?] 'pele'

(b) [fa ˈ fa?] 'papagaio'

(c) [fi ˈ ni?] 'macho'

(d) [fus ˈ ta?] 'nuvem'

(e) [na ˈ fu?] 'fumo'

(f) [fa ˈ ri?] 'sol'

16. [v] fricativo, lábio-dental, sonoro; ocorre em posição inicial e medial de palavra, antecedendo vocóides:

(16) (a) [va ˈ mu?] 'porco'

(b) [ra ' vu?] 'dois'

(c) [na ' vu?] 'fumo'

(d) [i ' vi?] 'pau'

(e) [va ' va?] 'papagaio'

(f) [vi ' nu?] 'buriti'

17. [s] fricativo, alveolar, surdo; ocorre em posição inicial e medial de palavra, antecedendo vocóides e os fones [q] e [t]:

(17) (a) [si ' qo?] 'estreito'

(b) [sa ' a?# pa 'e?][19] 'sapinho'

(c) [wa ' si?] 'capim'

(d) [fu ' su?] 'face'

(e) [qus ' qu?] 'urubu'

(f) [pis ' to?] 'mutuca'

18. [ʃ] fricativo, álveo-palatal, surdo; ocorre em posição inicial e medial de palavra, contiguo aos vocóides [i] e [ĩ]:

(18) (a) [ʃĩ ' na?] 'aranha'

(b) [ʃi ' ju?] 'pium'

[19] A ocorrência da oclusiva glotal surda [?] em posição não final absoluto de palavra dá-se exclusivamente os casos de compostos.

(c) [ʃia ' ɾu?] 'arder'

(d) [ju ' ʃi?] 'bicho'

(e) [iʃtiw ' qo?] 'macaco'

(f) [ta ' ɾi? # ciʃ ' to?] 'calção'
roupa # coxa

19. [ʂ] fricativo, retroflexo, surdo; ocorre em posição inicial e medial de palavra, antecedendo contóides não palatais e vocóides, exceto [i]:

(19) (a) [ʂa ' βa?] 'dia'

(b) [ʂu ' ma?] 'teta'

(c) [tʃa ' ʂo?] 'veado'

(d) [i ' ʂi?] 'semente'

(e) [quʂ ' qo?] 'sapo'

(f) [huʂ ' pi?] 'sobrancelhas'

20. [h] fricativo, glotal, surdo; ocorre em posição inicial e medial de palavra, antecedendo vocóides:

(20) (a) [' **h**ɜ̃] 'sim'

(b) [**h**uʂ ' pi?] 'sobrancelhas'

(c) [ani ' **h**u?] 'velho'

(d) [mi ' **h**i?] 'mão'

(e) [faki ' **h**u?] 'criança'

(f) [pa**h**ĩɲ ' ci?] 'orelha'

21. [ts] africado, alveolar, surdo; ocorre em posição inicial e medial de palavra, antecedendo vocóides:

(21)	(a) [**ts**awi ˈ ti?]	'banco'
	(b) [a ˈ **ts**a?]	'mandioca'
	(c) [**ts**aw ˈ mi?]	'abaixo'
	(d) [ma ˈ **ts**i?]	'gelo'
	(e) [ma**ts**i ˈ jɜ̃]	'frio'
	(f) [iw ˈ **ts**i?]	'unha do pé'
	(g) [pi ˈ **ts**u?]	'periquito'

22. [tʃ] africado, álveo-palatal, surdo; ocorre em posição inicial e medial de palavra, antecedendo vocóides:

(22)	(a) [ˈ **tʃ**æj?]	'primo'
	(b) [piw ˈ **tʃ**i?]	'costas'
	(c) [pi**tʃ**ɜ̃ɲ ˈ jɜ̃]	'cozinha'
	(d) [**tʃ**a ˈ ʂo?]	'veado'
	(e) [**tʃ**u ˈ ma?]	'cabaça'

23. [dʒ] africado, álveo-palatal, sonoro; ocorre em posição inicial de palavras antecedendo vocóides altos:

(23)	(a) [**dʒ**iwi ˈ wi?]	'dizer'
	(b) [**dʒ**ui ˈ na?]	'pássaro'

24. [w] glide, lábio-velar, sonoro; ocorre em posição inicial e medial de palavra, contíguo a vocóides, exceto [u]:

(24)	(a) [niwsi ' ri?]	'corda'
	(b) [' paw?]	'brinco'
	(c) [ni ' wa?]	'banha (gordura animal)'
	(d) [iʃtiw ' qu?]	'macaco'
	(e) [waşa ' ti?]	'faca'
	(f) [nika ' wi?]	'ouvir'

25. [j] glide, palatal, sonoro; ocorre em posição inicial e não inicial de palavra (abrindo ou fechando sílaba, exceto em final absoluto de palavra), contíguo a vocóides:

(25)	(a) [ju ' maj?]	'gato'
	(b) [ja ' pa?]	'piaba'
	(c) [aja ' wi?]	'beber'
	(d) [su ' ja?]	'rato'
	(e) [pi ' ja?]	'flecha'
	(f) [pũɲ ' jɜ̃]	'braço'
	(g) ['maj # ci ' ti?] terra # panela	'panela de barro'

3.1.1.2. QUADRO DE FONES CONSONANTAIS

	bilabial	lábio-dental	alveolar	álveo-palatal	retroflexo	palatal	velar	uvular	glotal	lábio-velar
OCLUSIVA	p		t d			c	k	q	ʔ	
NASAL	m		n			ɲ	ŋ	N		
TEPE			ɾ							
FRICATIVA	β	f v	s	ʃ	ʂ				h	
AFRICADA			ts	tʃ dʒ						
GLIDE						j				w

3.1.2. FONES VOCÁLICOS

O sistema vocálico do Shanenawá é constituído por 7 fones orais e 4 nasais, cuja distribuição apresentaremos a seguir.

3.1.2.1. DISTRIBUIÇÃO DOS FONES VOCÁLICOS

26. [i] vocóide anterior, alto, oral, fechado, não-arredondado; ocorre em posição inicial e não inicial de palavras:

(26) (a) [iʃ ˈ cĩ] 'peixe'

(b) [i ˈ miʔ] 'sangue'

(c) [mɨ ˈ hi?] 'mão'

(d) [jui ˈ na?] 'pássaro'

27. [i] vocóide anterior, alto, nasal, fechado, não-arredondado; ocorre em posição inicial e não inicial de palavras, seguido ou não de contóides nasais:

(27) (a) [i̯n ˈ jɜ̃] 'lago'

(b) [iʃ ˈ cĩ] 'peixe'

(c) [a ˈ sĩ] 'mutum'

(d) [diw ˈ cĩ] 'nariz'

28. [ɨ] vocóide central, alto, oral, fechado, não-arredondado; ocorre em posição inicial e não inicial de palavras:

(28) (a) [ɨ ˈ pa?] 'pai'

(b) [ʂɨ ˈ ni?] 'sol'

(c) [taw ˈ ʂi?] 'pescoço'

(d) [ɨ ˈ nɨ?] 'água'

29. [ɨ̃] vocóide central, alto, nasal, fechado, não-arredondado; ocorre em posição inicial e não inicial de palavras, seguida ou não de contóides nasais:

(29) (a) [nĩ ˈ na?] 'pupunha'

(b) [ˈ ĩ] '1ª pessoa singular'

(c) [rutũɲ ˈ kĩ] 'morder'

(d) [as ˈ ka? # nũ ˈ wĩ] 'sim'

30. [u] vocóide posterior, alto, oral, fechado, arredondado; ocorre em posição inicial e não inicial de palavras:

(30) (a) [ʂ**u** ˈ tʃi?] 'peito'

(b) [**u** ˈ ʃi? # ni ˈ pa?] 'vermelho'

(c) [kihu ˈ ni?] 'barba'

(d) [ami ˈ hu?] 'mulher'

31. [ũ] vocóide posterior, alto, nasal, fechado, arredondado; ocorre em sílaba inicial e não inicial de palavras, seguida ou não de contóides nasais:

(31) (a) [pũɲ ˈ jɜ̃] 'braço'

(b) [qũ ˈ wi?] 'fumaça'

(c) [βa ˈ ri # ũna ˈ te?] 'relógio'
sol # contar

(d) [ma ˈ ʂũ] 'chifre'

(e) [tʃũmu ˈ ja?] 'curandeiro'

32. [e] vocóide anterior, médio, oral, fechado não-arredondado; ocorre em sílaba inicial e não inicial de palavras:

(32)	(a) [ne ' vu?]	'vento'
	(b) [twɜ̃n ' te?]	'remo'
	(c) [pi ' e?]	'folha'
	(d) [amɜ̃n'te?]	'marimbondo'

33. [o] vocóide posterior, médio, oral, fechado, arredondado; ocorre em sílaba inicial e não inicial de palavras:

(33)	(a) [pos 'tu?]	'ventre'
	(b) [fo ' ru?]	'olho'
	(c) [i ' ʂo?]	'lua'
	(d) [ta ' ri? # pus ' to?] roupa # peito	'camiseta'

34. [ɜ̃] vocóide central, médio, nasal, aberto, não-arredondado; ocorre em sílaba inicial e não inicial de palavras, seguido ou não de contóides nasais:

(34)	(a) [ka ' mɜ̃]	'cachorro'
	(b) [twɜ̃n ' te?]	'remo'
	(c) [pũɲ ' jɜ̃]	'braço'
	(d) [fu ' tʃa? # ni ' jɜ̃]	'outro'

35. [æ] vocóide anterior, médio, oral, aberto, não-arredondado; ocorre em sílaba inicial de palavras, após [tʃ] e seguido do glide [j]:

(35)	(a) [' tʃæj?]	'primo'

(b) [' tʃæj? # mas ' ta?] 'perto'

36. [a] vocóide central, baixo, oral, aberto, não-arredondado; ocorre em sílaba inicial e não inicial de palavras:

(36) (a) [**a** ' **swa?**] 'boca'

(b) [**kɜ̃** ' **na?**] 'relâmpago'

(c) [**maj** ' **na?**] 'magro'

(d) [**a** ' **na?**] 'língua'

3.1.2.2. QUADRO DE FONES VOCÁLICOS

	ANTERIOR		CENTRAL		POSTERIOR	
	NÃO-ARREDONDADO				ARREDONDADO	
	ORAL	NASAL	ORAL	NASAL	ORAL	NASAL
ALTO-FECHADO	i	ĩ	ɨ	ɨ̃	u	ũ
MÉDIO-FECHADO[20]	e				o	
MÉDIO-ABERTO	æ			ɜ̃		
BAIXO			a			

[20] Em uma transcrição fonética mais detalhada, esses sons devem ser marcados por diacríticos que os caracterizem como realizações próximas ou não de serem *altos*. Em nosso trabalho, entretanto, não vamos especificar esses detalhes.

3.2. ANÁLISE FONÊMICA

Para a análise fonêmica dos segmentos consonantais e vocálicos da língua Shanenawá, utilizamos os critérios de contraste, distribuição complementar e variação livre, baseando-nos em Pike (1947) e Kindell (1981).

O critério de contraste estabelece que se dois segmentos ocorrerem em ambientes idênticos ou análogos em um processo de substituição mútua e, em decorrência disso, houver mudança de significado, esses fones serão considerados *fonemas* distintos entre si.

Por outro lado, o critério de variação livre determina que se dois fones puderem ser substituídos entre si num mesmo ambiente sem alteração de significado, serão atribuídos a um mesmo fonema, sendo considerados, portanto, *variantes livres* desse fonema.

Já o critério de distribuição complementar estabelece que a ocorrência de um fone é condicionada pelo ambiente em que o mesmo se realiza. Assim, se um fone qualquer puder ocorrer apenas numa determinada posição (inicial ou final, por exemplo) ou se suas características articulatórias ou acústicas restringirem sua ocorrência a um ambiente específico, provavelmente haverá um outro ou mais fones que ocorrerão nos demais ambientes em que aquele não puder ocorrer.

Ainda com relação ao critério de distribuição complementar, é importante ressaltarmos que, pelos princípios fonêmicos, para que dois segmentos sejam considerados variantes de um mesmo fonema não é suficiente que ocorram em distribuição complementar. Isto é, são alofones de um mesmo fonema os segmentos foneticamente semelhantes, ou seja, aqueles que diferirem minimamente entre si em ponto e/ou modo de articulação. [21]

---

[21] Esse fato pode ser ilustrado através de dois casos de distribuição complementar que ocorrem no Inglês: 1) A vogal [æ] anterior média-aberta não-arredondada ocorre antes de consoantes surdas, enquanto [æ:] anterior média-aberta não-arredondada longa ocorre antes de sonoras (Exemplos: [ˈ hæt] <hat> 'chapéu' e [ˈhæ:d] <had> 'pretérito do verbo ***to have***'); 2) A consoante [h] fricativa glotal surda ocorre em início de palavras, enquanto a [ŋ] oclusiva nasal velar sonora ocorre somente em final de palavras (Exemplo: [ˈ hætʃ] <hatch> 'portinha'; [ˈræ:ŋ] <rang> 'pretérito do verbo ***to ring***'). Como se pode notar, no primeiro caso os segmentos são foneticamente semelhantes e, por isso, são alofones de um mesmo fonema. Já no segundo caso, nota-se que os segmentos não compartilham semelhanças fonéticas e, portanto, não podem ser variantes de um mesmo fonema (Davis, 1973: 132).

A seguir apresentamos a análise fonêmica dos segmentos consonantais e vocálicos do Shanenawá.

3.2.1. SEGMENTOS CONSONANTAIS

3.2.1.1. CONTRASTE

Abaixo relacionamos os pares de segmentos que ocorrem em contraste em ambientes idênticos (CAI) ou em ambientes análogos (CAA), causando distinção de significado:

37. /p/ e /m/ são fonemas, pois ocorrem em CAI:

(37)	(a) /ʂi **mi**/ [22]	[ʃi ˈ **mi**ʔ]	'marajá'
	(b) /ʂi **pi**/	[ʃi ˈ **pi**ʔ]	'banana'
	(c) /**mus** tu/	[**mus** ˈ toʔ]	'reto'
	(d) /**pus** tu/	[**pus** ˈ toʔ]	'barriga'

38. /n/ e /m/ são fonemas, pois ocorrem em CAI:

(38)	(a) /**na** i/	[**na** ˈ iʔ]	'céu'
	(b) /**ma** i/	[**ma** ˈ iʔ]	'terra'
	(c) /tʃu **ma**/	[tʃu ˈ **ma**ʔ]	'cabaça'
	(d) /tʃu **na**/	[tʃu ˈ **na**ʔ]	'um tipo de macaco'

[22] Não representaremos o acento em Shanenawá em nível fonêmico, em virtude do mesmo ser previsível, e, portanto, não distintivo (cf. p. 96).

39. /t/ e /n/ são fonemas, pois ocorrem em CAA:

(39)	(a) /ta i/	[ta ˈ i?]	'pé'
	(b) /na i/	[na ˈ i?]	'céu'
	(c) /ʂi ta/	[ʂi ˈ ta?]	'dente'
	(d) / i na/	[i ˈ na?]	'órgão sexual masculino'

Os fonemas /t/ e /n/ ocorrem em início de sílaba inicial antes de [a], como vemos em (a, b); e entre [i] e [a] em sílaba final, conforme (c, d).

40. /s/ e /ʂ/ são fonemas, pois ocorrem em CAA:

(40)	(a) /saw/	[ˈsaw?]	'osso'
	(b) /ʂɨw/	[ˈʂɨw?]	'verde'
	(c) /pu san/[23]	[puˈsɜ̃]	'bicho preguiça'
	(d) /ru ʂa/	[ruˈʂa?]	'sal'

Os fonemas /s/ e /ʂ/ ocorrem em início de sílaba inicial antes de vogal central (a, b); e entre a vogal posterior [u] e as centrais [a] e [ɜ̃] em sílaba final (c, d).

41. /ts/ e /tʃ/ são fonemas, pois ocorrem em CAI e CAA:

(41)	(a) /ma tʃi/	[ma ˈ tʃi?]	'morro'
	(b) /ma tsi/	[ma ˈ tsi?]	'gelo'

[23] Ver discussão sobre a nasalidade no capítulo seguinte (p. 98 e ss.)

(c) /ʂiw **tʃi**/	[ʂiw ' **tʃi**ʔ]	'peito'
(d) /iw **tsi**/	[iw ' **tsi**ʔ]	'unha do pé'

Em ambientes análogos os fonemas /ts/ e /tʃ/ ocorrem entre o glide [w] e a vogal [i], em sílaba final, conforme (c, d).

42. [h] e [s] [24] são fonemas, pois ocorrem em CAA:

(42)	(a) /**h**an/	[' **h**ɜ̃]	'sim'
	(b) /i**s**an/	[i ' **s**ɜ̃]	'patoá'
	(c) /aska**h**in/	[aska ' **h**ĩ]	'já'
	(d) /i**s**in/	[i ' **s**ĩ]	'doença'

Os fonemas /h/ e /s/ ocorrem antes da vogal [ɜ̃] como vemos em (a, b); e antes da vogal [i] em sílaba final em (c, d).

3.2.1.2. DISTRIBUIÇÃO COMPLEMENTAR

Abaixo relacionamos os casos de distribuição complementar que ocorrem na língua Shanenawá:

---

[24] Considerando que em algumas línguas existe uma relação entre as fricativas [s] alveolar e [h] glotal, em final de sílaba. ou seja, é comum ocorrer o processo de mudança de [s] para [h] e seu posterior apagamento (s => h => Ø), decidimos contrastar esses dois fones em Shanenawá. A relação entre esses dois segmentos pode ser vista em alguns dialetos do Português do Brasil e em vários dialetos do Espanhol, por exemplo, no do Chile, em palavras como *mas* e *menos*, por exemplo: [mas] => [mah] 'mas' e [menos] => [menoh] 'menos'.

43. [c], [k] e [q] são foneticamente semelhantes e ocorrem em distribuição complementar nos seguintes ambientes:

[c] ocorre antes de vogais altas, anteriores não-arredondadas.

(43)	(a) /pahinki/	[pahĩɲ ˈ **ci**ʔ]	'orelha'
	(b) /iʂkin/	[iʃ ˈ **ci**]	'peixe'
	(c) /pikiwi/	[pici ˈ wiʔ]	'nadar'
	(d) /ɾiwkin/	[ɾiw ˈ **ci**]	'nariz'

[q] ocorre antes de vogais posteriores arredondadas.

(43)	(e) /kuwin/	[**qu**ˈwĩ]	'fumaça'
	(f) /ɾakuti/	[ɾa**qu**ˈteʔ]	'coberta'
	(g) /kusku/	[**qus**ˈ**q**oʔ]	'urubu'
	(h) /kuʂa/	[**qo**ˈʂaʔ]	'cedro'

[k] ocorre nos demais ambientes.

(43)	(i) /kitʃa/	[**ki** ˈ tʃaʔ]	'prato'
	(j) /ʂiwika/	['ʂiwʔ # i ˈ **ka**ʔ]	'enxada'
	(k) /kakan/	[ka ˈ **k**ɜ̃]	'abacaxi'
	(l) /fakihu/	[fa**ki** ˈ huʔ]	'menino'

Logo, [c], [k] e [q] são variantes de um mesmo fonema, sendo, portanto, alofones do fonema /k/.

44. [ɲ], [ŋ], [N] e [n] são foneticamente semelhantes e ocorrem em distribuição complementar nos seguintes ambientes:

[ɲ] ocorre antes da consoante palatal [c] e da aproximante palatal [j].

(44)	(a) /pu**ɲ**jan/	[pũɲ ˈ jɜ̃]	'braço'
	(b) /au**ɲ** kina/	[aũɲ ci ˈ na?]	'nome'
	(c) /tʃaj **ɲ**ki/	[tʃaj? #ĩɲ ˈ ci?]	'falar'
	(d) /i**ɲ**jan/	[iɲ ˈ jɜ̃]	'lagoa'

[ŋ] ocorre antes da consoante velar [k].

(44) (e) /man**ŋ**kiwa # ifi/ [mɜ̃ŋkɨ ˈ # wa? i ˈ fi?] 'eles queimaram o pau'
man- # ki -wa # ifi
interr queimar pass. pau

(f) /i**ŋ**i # fuʂo # i**ŋ**kɨ/ [i ˈ ni? # fu ˈ ʂo? #ĩŋ ˈ kɨ?] 'cascata'
iŋi # fuʂo # iŋki
água cair derramar

(g) /ma # uʂi**ŋ** # kɨwɨa/ [ˈma? # uʂĩŋ ˈ kɨ # wɨˈa?] 'vocês estão vermelhos'
ma # uʂiŋ # kɨ wɨ - a
2 ps. vermelho mod. - pres.

[N] ocorre antes de consoantes uvulares.

(44)	(h) /ɾatu**N**ku/	[ɾatũN ˈ qo?]	'joelho'
	(i) /mitinku ɾanihi**N**/ [25]	[mitiN ˈ qu # ɾɜ̃ni ˈ hĩ]	'voltar'

[25] Não encontramos outras ocorrências desse segmento na língua.

[n] ocorre nos demais ambientes.

(44)	(j) /iin ti/	[ĩ**n** ˈ ti?]	'coração'
	(k) /pa **n**i/	[pɜ̃ˈ **n**i?]	'rede de dormir'
	(l) /twa**n** ti/	[twɜ̃**n** ˈ te?]	'remo'
	(m) /**n**a mi/	[**n**a ˈ mi?]	'carne'

Portanto, [ɲ], [ŋ], [N] e [n] são variantes de um mesmo fonema, sendo, então, alofones do fonema /n/.

45. [ʂ] e [ʃ] são foneticamente semelhantes e ocorrem em distribuição complementar nos seguintes ambientes:

[ʃ] ocorre contíguo a vogais altas anteriores.

(45)	(a) /fakiʂi/	[faci ˈ ʃi?]	'noite'
	(b) /iʂin/	[i ˈ ʃĩ]	'esteira'
	(c) /miʂkiti/	[miʃci ˈ ti?]	'pedra'
	(d) /iʂkin/	[iʃ ˈ cĩ]	'peixe'

[ʂ] ocorre nos demais ambientes.

(45)	(e) /tawʂi/	[taw ˈ ʂɨ?]	'pescoço'
	(f) /puʂtu/	[puʂ ˈ to?]	'barriga'
	(g) /ʂiw/	[ˈ ʂiw?]	'verde'
	(h) /iju niʂa/	[ɨ ˈ ju? # ni ˈ ʂa?]	'gaivota'

Assim, [ʂ]e [ʃ] são variantes de um mesmo fonema, sendo, portanto, alofones do fonema /ʂ/.[26]

No que diz respeito à oclusiva glotal [ʔ], poderíamos dizer que a mesma seria alofone de vários (senão de todos) fonemas da língua Shanenawá, pois pode estar em distribuição complementar com qualquer um desses outros segmentos. Entretanto, levando-se em consideração o critério da semelhança fonética, levantamos a hipótese, então, de que isso se dê com a fricativa, também glotal, [h], uma vez que [ʔ] ocorre apenas em final de palavras precedida de vogais orais e glides, enquanto [h] ocorre nos demais ambientes, conforme observamos em (46: a-b):

(46)	(a) /fakihu/	[faki ' hu?]	'menino'
	/nai/	[na ' i?]	'céu'
	(b) /huni/	[hu ' ni?]	'homem'
	/fu/	[' vu?]	'cabelo'

Conforme demonstram os dados acima, se considerássemos [ʔ] um alofone de /h/, isso implicaria que a fricativa glotal (ou outro fonema qualquer) deveria, em nível fonêmico, ser representada nos ambientes em que ocorresse a oclusiva glotal no nível

[26] A decisão de que nesse caso de distribuição complementar a retroflexa [ʂ] é o fonema, enquanto a álveo-palatal [ʃ] é um alofone, baseia-se no critério de maior ocorrência desse segmento em relação à álveo-palatal [ʃ]. Além disso, dados de outras línguas da família Pano, como do Arara (Cunha, 1993) e Katukina (Barros, 1987; Aguiar, 1994) também apontam [ʂ] como fonema.

fonético. Assim, os exemplos em (47: a-d) deveriam ter as seguintes representações fonológicas:

(47)	(a) /fakihuh/	[faki ˈ hu?]	'menino'
	(b) /naih/	[na ˈ i?]	'céu'
	(c) /hunih/	[hu ˈ ni?]	'sim'
	(d) /fuh/	[ˈ vu?]	'cabelo'

Entretanto, a ocorrência da oclusiva glotal [?] parece ser apenas uma implementação fonética e não tem relevância fonológica, pois observando os dados notamos que se manifesta sempre em posição final de sílaba e de palavra que não termina em vogal nasalizada. A ocorrência de [?] fechando a sílaba de uma palavra ocorre (de modo opcional) inclusive em juntura de palavra como em compostos (ver p. 97). Assim, concluímos que a realização da oclusiva glotal [?] é previsível, não fazendo parte, portanto, do inventário fonêmico da língua.

3.2.1.3. VARIAÇÃO LIVRE

Abaixo relacionamos os pares de segmentos consonantais que ocorrem em variação livre em ambientes idênticos na língua Shanenawá, não causando alteração de significado.

48. [ɾ]e [d] ocorrem em variação livre em início de palavras. [27]

(48) (a) /ɾu nu/ [ɾu ˈ no?] ~ [**du** ˈ no?] 'cobra'

(b) /ɾɨwi/ [ɾɨ ˈ wi?] ~ [**dɨ** ˈ wi?] 'machado'

(c) /ɾɨwkin/ [ɾɨw ˈ c̃i] ~ [**dɨw** ˈ c̃i] 'nariz'

Logo, [ɾ] e [d] são variantes de um mesmo fonema, sendo, portanto, alofones do fonema /ɾ/.

49. [f] e [v] ocorrem em variação livre em todas posições.[28]

(49) (a) /fuɾu/ [**fu** ˈ ɾu?] ~ [vu ˈ ɾu?] 'olho'

(b) /fa mu/ [**fa** ˈ mu?] ~ [**va** ˈ mu?] 'tatu queixada'

(c) /fa tʃi/ [**fa** ˈ tʃi?] ~ [**va** ˈ tʃi?] 'ovo'

(d) / fu/ [ˈ **fu**?] ~ [ˈ **vu**?] 'cabelo'

Desse modo, [f] e [v] são variantes de um mesmo fonema, sendo, portanto, alofones do fonema /f/.

50. [w] e [β] ocorrem em variação livre antecedendo vogais centrais. [29]

---

[27] Observamos que a variante alofônica [d] tende a ser mais produzida pelos falantes mais jovens do que pelos mais idosos. Esse fato parece indicar que a língua está em processo de mudança fonológica.
[28] Seguindo um critério de simetria na postulação de fonemas da língua, selecionamos a fricativa lábio-dental surda [f] como fonema, visto que não existem fonemas fricativos sonoros na língua.
[29] Cf. nota 27.

(50) (a) /waʂati/ [waʂa ' ti?] ~ [βaʂa ' ti?] 'faca'

(b) /wasi/ [wa ' si?] ~ [βa ' si?] 'capim'

(c) /-wɨ/ [-wɨ] ~ [-βɨ] 'marca de infinitivo'

(d) /ɨwa/ [ɨ ' wa?] ~ [ɨ ' βa?] 'mãe'

Dessa maneira, [w] e [β] são variantes de um mesmo fonema, sendo, portanto, alofones do fonema /w/.

51. [j] e [dʒ] ocorrem em variação livre em início de palavras. Observamos que a ocorrência da africada se limita aos dois exemplos abaixo. [30]

(51) (a) /juĩna/ [dʒuĩ ' na?] ~ [juĩ ' na?] 'pássaro'

(b) /juwiwi/ [dʒuwi ' wi?] ~ [juwi ' wi?] 'dizer'

Dessa forma, [j] e [dʒ] são variantes de um mesmo fonema, sendo, portanto, alofones do fonema /j/.[31]

---

[30] Cf. nota 27.

[31] Em concordância com os princípios da análise fonêmica, estamos considerando como consoantes os segmentos [w] e [j], conhecidos tradicionalmente como glides, podendo, por conseguinte, ocupar as posições de *Onset* e *Coda* da sílaba. Essa interpretação é dada a partir dos tipos silábicos evidenciados no Shanenawá. Contudo, as teorias fonológicas não-lineares assumem que essas aproximantes estão especificadas para os mesmos traços que as vogais altas /i/ e /u/ e a diferença entres eles estabelece-se segundo a função que ocupam na sílaba. Ver discussão sobre esse assunto no próximo capítulo (p. 78 e ss.).

3.2.1.4. QUADRO DE FONEMAS CONSONANTAIS

	bilabial	lábio-dental	alveolar	álveo-palatal	retroflexo	velar	palatal	glotal	lábio-velar
OCLUSIVA	p		t			k			
NASAL	m		n						
TEPE			ɾ						
FRICATIVA		f	s		ʂ			h	
AFRICADA			ts	tʃ					
GLIDE							j		w

3.2.2. SEGMENTOS VOCÁLICOS

A língua Shanenawá apresenta 4 fonemas vocálicos orais, conforme é evidenciado através da análise fonêmica que se segue, feita obedecendo aos critérios descritos no início dessa seção.

3.2.2.1. CONTRASTE

Abaixo relacionamos os pares de segmentos vocálicos que ocorrem em contraste em ambientes idênticos (CAI) ou em ambientes análogos (CAA), causando distinção de significado.

52. /i/ e /ɨ/ são fonemas, pois ocorrem em CAA:

(52)	(a) /ʂipi/	[ʃi ˈ pi?]	'banana'
	(b) /ʂɨki/	[ʂɨ ˈ ci?]	'milho'
	(c) /ɨmi/	[ɨ ˈ mi?]	'sangue'
	(d) /ɨni/	[ɨ ˈ ɲi?]	'água'

Os fonemas /i/ e /ɨ/ ocorrem em sílaba inicial seguindo as fricativas [ʂ] e [ʃ], como vemos em (a, b); e em sílaba final seguindo consoantes nasais, conforme (c, d).

53. /ɨ/ e /u/ são fonemas, pois ocorrem em CAI e CAA:

(53)	(a) /pɨstu/	[pɨs ˈ to?]	'mutuca'
	(b) /pustu/	[pus ˈ tu?]	'barriga'
	(c) /ʂɨna/	[ʂɨ ˈ na?]	'ingá'
	(d) /tʃuma/	[tʃu ˈ ma?]	'cabaça'

Os fonemas /i/ e /u/ ocorrem em sílaba inicial entre as consoantes [p] e [s], como vemos em (a, b); e antes de consoantes nasais (c, d).

54. /i/ e /a/ são fonemas, pois ocorrem em CAI e CAA:

(54)	(a) /ini/	[i ˈ ni?]	'água'
	(b) /ɨna/	[ɨ ˈ na?]	'gaivota'
	(c) /afa/	[a ˈ fa?]	'anta'
	(d) /ɨwa/	[ɨ ˈ βa?]	'mãe'

Os fonemas /ɨ/ e /a/ ocorrem em final de palavra após a consoante [n], como vemos em (a, b); e em início de palavra antes das consoantes labiais [f] e [β], conforme (c, d).

3.2.2.2. DISTRIBUIÇÃO COMPLEMENTAR

Os segmentos vocálicos nasalizados [ĩ], [ɨ̃], [ũ] e [ə̃] encontram-se em distribuição complementar com suas semelhantes orais, visto que [ĩ], [ɨ̃], [ũ] e [ə̃] ocorrem antes de consoantes nasais, enquanto [i], [ɨ], [u] e [a] ocorrem nos demais ambientes, conforme indicam os dados ilustrados em (55) para as orais e (56) para as nasais, abaixo:

(55)	(a) /fatʃi/	[fa ˈ tʃi?]	'ovo'
	(b) /tiwʂi/	[tiw ˈ ʂi?]	'pescoço'

	(c) /**kuku**/	[qu ˈ qu?]	'vaga-lume'
	(d) /**tari**/	[ta ˈ ri?]	'roupa'
(56)	(a) /**pahinki**/	[pahĩɲ ˈ ci?]	'orelha'
	(b) /**ɨna**/	[ɨ̃ˈ na?]	'genitália masculina'
	(c) /**atuna**/	[atũˈ na?]	'canoas deles'
	(d) /**fumana**/	[fumɜ̃ ˈ na?][32]	'testa'

Logo, os pares de fones [i] e [ĩ], [ɨ] e [ɨ̃], [u] e [ũ], [a] e [ɜ̃] são variantes, isto é, alofones dos fonemas /i/, /ɨ/, /u/ e /a/, respectivamente.

Contudo, em nossas análises dos segmentos vocálicos do Shanenawá observamos, no nível fonético, a ocorrência de fones cuja nasalização não resulta do contato com consoantes nasais, como em (57):

(57)	(a) [diw ˈ cĩ]	'nariz'
	(b) [ˈ ɨ̃]	'1ª pessoa singular'
	(c) [ma ˈ ʂũ]	'chifre'
	(d) [ˈ hɜ̃]	'sim'

[32] Como veremos no capítulo seguinte a nasalidade nessa língua ocorre da direita para a esquerda.

A interpretação desses dados e de outros será dada no próximo capítulo, na seção dedicada à nasalidade (cf. p. 102). Para o momento, assumimos que nessa língua as vogais são nasalizadas pelo contato com uma consoante nasal.

3.2.2.3. VARIAÇÃO LIVRE

58. [i] e [e] ocorrem em variação livre em sílaba final.

(58)	(a) /wati/	[wa ' ti?]	~	[wa ' te?]	'copo'
	(b) /fusi/	[fu ' si?]	~	[fu ' se?]	'lontra'
	(c) /saa pai/	[sa'a? # pa ' i?]	~	[as ' a? # pa ' e?]	'sapinho'
	(d) /twati/	[twa ' ti?]	~	[twa ' te?]	'cana'

Por conseguinte, [i] e [e] são variantes de um mesmo fonema, sendo, portanto, alofones do fonema /i/.

59. [u] e [o] ocorrem em variação livre em posição inicial e não-inicial de palavras.

(59)	(a) /jutʃi/	[ju ' tʃi?]	~	[jo ' tʃi?]	'pimenta'
	(b) /piwnu/	[piw ' nu?]	~	[piw ' no?]	'veia'
	(c) /kuʂuhi/	[quʂu ' hi?]	~	[quʂo ' hi?]	'tipo de marimbondo'
	(d) /pitʃu/	[pi ' tʃu?]	~	[pi ' tʃo?]	'periquito'

Assim, [u] e [o] são variantes de um mesmo fonema, sendo, portanto, alofones do fonema /u/.

60. [a] e [æ] ocorrem em variação livre, em sílaba final, antecedendo a palatal [j].

(60)	(a) /jumaj/	[ju ˈ maj?]	~	[ju ˈ mæj?]	'onça'
	(b) /tʃaj/	[ˈ tʃaj?]	~	[ˈ tʃæj?]	'longe'
	(c) /tʃajmasta/	[ˈ tʃaj? # mas ˈ ta?]	~	[ˈtʃæj? # mas ˈ ta?]	'perto'

Portanto, [a] e [æ] são variantes de um mesmo fonema, sendo, então, alofones do fonema /a/.

3.2.2.4. QUADRO DE FONEMAS VOCÁLICOS

	ANTERIOR	CENTRAL	POSTERIOR
	NÃO-ARREDONDADA		ARREDONDADA
ALTA-FECHADA	i	ɨ	u
BAIXA		a	

Tendo concluído a descrição fonética e fonêmica do sistema de sons do Shanenawá, passaremos a seguir a descrição fonológica dessa língua. Esta, porém, será dada a partir das teorias fonológicas mais atuais, a saber, as fonologias não-lineares ou autossegmentais.

4. DESCRIÇÃO FONÉTICA E FONOLÓGICA DO SHANENAWÁ À LUZ DAS TEORIAS NÃO-LINEARES

4.1. NOTAÇÕES PRELIMINARES

A partir de meados deste século surgiram várias teorias fonológicas com o objetivo de tentar explicitar a relação entre as realizações fonéticas e o nível abstrato da fonologia, bem como as relações entre esta e os demais componentes gramaticais.

Segundo essas teorias, as unidades básicas da representação fonológica não são os fonemas, mas os traços que os caracterizam e os distinguem entre si. Assim, desde ***The Sound Pattern of English*** (Chomsky & Halle, 1968), trabalho considerado o paradigma da Fonologia Gerativa[33], os segmentos são descritos e analisados enquanto combinações *lineares* ou conjuntos de traços distintivos em forma de matrizes, isto é, conjuntos ou feixes organizados desses traços.

Posteriormente, Goldsmith (1976) observou que alguns traços têm, individualmente, seu próprio nível ou camada de "segmentalização"; que o número de autossegmentos pode não corresponder ao de fonemas presentes em determinada seqüência; e, ainda, que os autossegmentos estão ligados às suas unidades segmentais por meio de linhas de associação que devem obedecer à condição mínima de boa formação, isto é, ao não cruzamento dessas linhas (Abaurre & Wetzels, 1992).

Assim, a partir da observação de Goldsmith (op. cit.) surgiram, em oposição à Fonologia Gerativa Padrão, "sub-teorias" - dentre as quais citamos a Fonologia Métrica (Liberman & Prince, 1977; Hayes, 1983, 1995; Halle & Vergnaud, 1987), a Fonologia Prosódica (Selkirk, 1980; Nespor & Voegel, 1986) e a Fonologia Lexical (Mohanan, 1986; Pulleyblank, 1986) - que buscaram oferecer um formalismo suficiente para a representação

da sílaba, para a manipulação de fenômenos prosódicos como altura (pitch), duração e acento; e, ainda, que permitiram observar a interação entre morfologia e fonologia. Essas sub-teorias são consideradas, dentro de um quadro formal, uma teoria integrada denominada *Fonologia Não-Linear* ou *Autossegmental*.

Visando à formalização do fato de que as unidades funcionais, ou seja, os grupos de traços geometricamente expressos como nós de classe ("class nodes") exibem um comportamento fonológico análogo aos dos traços, Clements (1985) e Clements & Hume (1995) desenvolveram uma representação arbórea dos segmentos denominada Geometria de Traços ("Feature-Geometry").

O interessante nos modelos não-lineares é que a fonologia de uma língua aparece como uma organização em que os traços característicos dos fonemas estão dispostos hierarquicamente em diferentes níveis ou fileiras de camadas, podendo estender-se aquém ou além de um segmento, ou ligar-se a mais de uma unidade, bem como funcionar isoladamente ou em conjuntos isolados.

Considerando, portanto, o menor nível de abstração das representações e a organização hierárquica dos segmentos, presentes na Fonologia Autossegmental ou Não-Linear, julgamos interessante tratarmos, nas seções subseqüentes, da estrutura silábica do Shanenawá, bem como de alguns processos fonológicos a partir de uma abordagem baseada nos aportes dessa teoria.

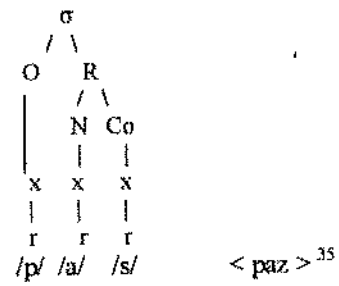
---

[33] Outros autores como Jakobson, Fant & Halle (1952); Jakobson & Halle (1954) também já haviam postulado que os segmentos seriam constituídos por traços.

4.2. A ESTRUTURA SILÁBICA

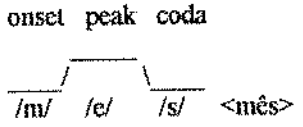
Segundo estudos fonológicos não-lineares, a sílaba é uma estrutura constituída hierarquicamente por um elemento opcional, denominado *Onset*, e por outro obrigatório, denominado *Rima*. Este último se subdivide em um *Núcleo*, que também é obrigatório, e uma *Coda* que, por sua vez, é opcional [34]. Também estabelece que os constituintes da sílaba não estão diretamente ligados à melodia segmental, ou seja, há entre eles uma camada denominada *esqueleto*, constituída por posições X's (ou unidades de tempo). E, finalmente, os segmentos ligados às posições X's são estruturados, em termos de traços, de acordo com o estabelecido por Clements & Hume (1995). Assim, uma palavra monossilábica do Português, como "paz", por exemplo, pode ser representada, conforme o esquema abaixo:

(1)



< paz > [35]

[34] A definição de sílaba como uma estrutura constituída por um *onset*, um *peak* (ou núcleo) e uma *coda* já havia sido considerada anteriormente pela Fonêmica (Pike, 1967). A Fonologia Não-Linear veio, portanto, apenas sistematizar de uma forma mais clara essa definição, em termos de hierarquia dos elementos que a constituem, já que a definição fonêmica não reconhece o *núcleo* e a *coda* como elementos subordinados à *rima*, conforme o exemplo da palavra monossilábica "mês" do Português, na figura abaixo:



[35] Por questões práticas, não representaremos, nesse esquema, a geometria dos traços dos segmentos, mas apenas os fonemas.

4.2.1. OS TIPOS SILÁBICOS DO SHANENAWÁ

No nível fonológico da língua Shanenawá encontramos 4 tipos silábicos: **V, VC, CV** e **CVC**, os quais podem ser resumidos na fórmula básica **(C) V (C)**. Abaixo seguem exemplos para cada um desses tipos silábicos:

- V -

(2)	(a) /i.u.a .pa/	'grande'	**V**. **V**. **V**. CV
	(b) /na.i/	'céu'	CV . **V**
	(c) /ɨ.u. i/	'chuva'	**V**. **V** . V
	(d) /i.pa/	'pai'	**V** . CV
	(e) /ta.u.ʂi/	'ombro'	CV .**V**. CV
	(f) /u.kun/	'embaúba'	**V** . CVC
	(g) /a.na/	'língua'	**V** . CV
	(h) /a.ʂu.a/	'boca'	**V** . CV . **V**

- VC -

(3)	(a) /tu.an.ti/	'remo	CV. **VC** . CV
	(b) /tɨ. us.tu/	'papo'	CV. **VC** . CV
	(c) /tɨ. us.pi/	'verruga'	CV. **VC** . CV

- CV -

(4)	(a) /pus.tu/	'barriga'	CVC . **CV**
	(b) /ma.ka/	'rato'	**CV** . CV
	(c) /ni.fu/	'vento'	**CV** . **CV**
	(d) /ni.mɨ/	'saliva'	**CV** . **CV**
	(e) /rɨ.nu/	'cobra'	**CV** . **CV**
	(f) /si.ku/	'estreito'	**CV** . **CV**
	(g) /ʂa.fa/	'dia'	**CV** . **CV**
	(h) /hu.ni/	'homem'	**CV** . **CV**
	(i) /ma.tsi/	'gelo'	**CV** . **CV**
	(j) /ma.tʃi/	'morro'	**CV** . **CV**

- CVC -

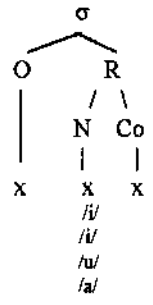
(5)	(a) /rɨ.kin/	'nariz'	CV. **CVC**
	(b) /ra.tun.ku/	'joelho'	CV . **CVC** . CV
	(c) /pus.tu/	'barriga'	**CVC** . CV
	(d) /mis.ti/	'lenha'	**CVC** . CV
	(e) /huʂ.pi/	'sobrancelhas'	**CVC** . CV
	(f) /muʂ.ki.ti/	'anzol'	**CVC** . CV . CV

Assim, podemos dizer que na língua Shanenawá há sílabas compostas por *Núcleo* apenas (V), por *Núcleo* e *Coda* (VC), por *Onset* e *Núcleo* (CV) e, ainda, por *Onset*, *Núcleo* e *Coda* (CVC).

4.2.1.1. A CONSTITUIÇÃO INTERNA DOS TIPOS SILÁBICOS

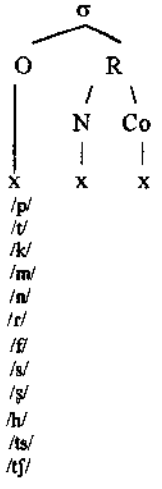
No que diz respeito à constituição interna dos tipos silábicos, podemos afirmar que qualquer um dos fonemas vocálicos da língua pode ocupar a posição de *Núcleo,* como em (6) abaixo:

(6)



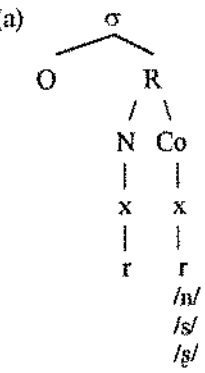
Quanto à posição *Onset,* todos os fonemas consonantais da língua, exceto os glides[36], podem ocupá-la. Já a ocupação da *Coda* se restringe às fricativas alveolar [s] e retroflexa [ʂ] em posição não final de palavras, e à oclusiva nasal [n] em posição final e interna de palavras. Em (7) ilustramos a ocupação do *Onset* e em (8: a, b), a da *Coda*:

(7)



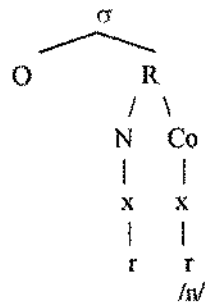
[36] Foneticamente, na posição Onset podem ocorrer os glides [w] e [j], porém assumimos que eles são manifestações superficiais das vogais altas /u/ e/i/, respectivamente (cf. p. 80)

(8) (a)



CODA INTERNA

(b)



CODA FINAL

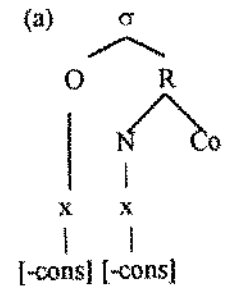
4.3. OS GLIDES LABIAL [w] E PALATAL [j]

Na análise fonêmica do Shanenawá, reconhecemos os segmentos labial [w] e palatal [j] como fonemas (cf. p. 68-69). Entretanto, seguindo orientações das teorias fonológicas mais atuais, questionamos se de fato [w] e [j] figuram na estrutura de base da língua como fonemas consonantais ou se apenas aparecem na estrutura superficial como realizações fonéticas de suas correspondentes vogais altas posterior /u/ e anterior /i/, respectivamente.

Uma forma de resolver essa questão é tratarmos desses segmentos enquanto constituintes da sílaba, visto que, segundo as teorias não-lineares, a diferença entre os segmentos [-cons], ou seja glides e vogais, é estabelecida estritamente em função da estrutura da sílaba de cada língua. Assim, se o segmento ocupar a posição de *Núcleo,* será interpretado como vogal; mas, se ocupar as posições marginais de *Onset* ou *Coda*, será interpretado como glide (Kaye & Lowenstamm, 1981; Selkirk, 1982).

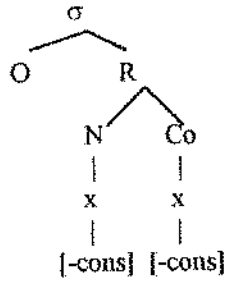
A teoria não-linear da estrutura silábica estabelece, ainda, que segmentos [-cons] podem ser combinados tanto numa seqüência de *Onset-Núcleo* (9a) quanto numa seqüência de *Núcleo-Coda* (9b):

(9) (a)



COMBINAÇÃO: GLIDE-VOGAL

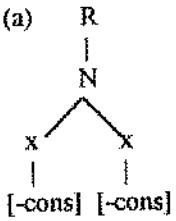
(b)



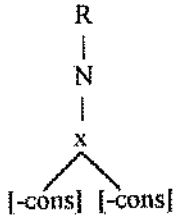
COMBINAÇÃO: VOGAL-GLIDE

É possível também que seqüências desse tipo ocupem uma mesma posição nuclear. Nesse caso, tais segmentos podem ocupar duas unidades de tempo, como em (10a), ou apenas uma unidade temporal, como em (10b)[37]:

(10) (a)



(b)



Assim, tomando como base esses princípios teóricos, passaremos a seguir às análises das seqüências de segmentos [-cons] que ocorrem na língua Shanenawá.

[37] Essas duas posições estão relacionadas a ditongos e ocorrem em muitas línguas. Em (10a) tem-se um ditongo pesado, cuja posição mais à esquerda é ocupada por segmento com menos sonoridade. Em (10b) tem-se um ditongo leve em que, de modo contrário, o segmento com menos sonoridade ocupa a posição mais à direita.

4.3.1. AS SEQÜÊNCIAS $\begin{bmatrix} \mathbf{w} \\ \mathbf{j} \end{bmatrix}$ V

Um fenômeno comum em várias línguas do mundo é o fato de as vogais altas /i/ e /u/, quando antecedendo outro segmento vocálico, terem sua duração e intensidade reduzidas na fala coloquial, sendo, geralmente, percebidas como constituintes da mesma sílaba que a vogal que antecedem (Mateus & Andrade, 1998). Nesse caso, encontros vocálicos como **ui, ui, ua** e **iu, ii, ia** ocupam uma mesma *Rima*, formando *Núcleos* complexos e são interpretados, portanto, como ditongos.

Contudo, esse mesmo fenômeno, em consonância com a pressão estrutural do tipo silábico da língua, pode fazer com que /u/ e /i/ se convertam em glides e que ocorram na posição de *Onset* na fonética. Isso é o que parece dar-se na língua Shanenawá, conforme ilustram os exemplos em (11) abaixo:

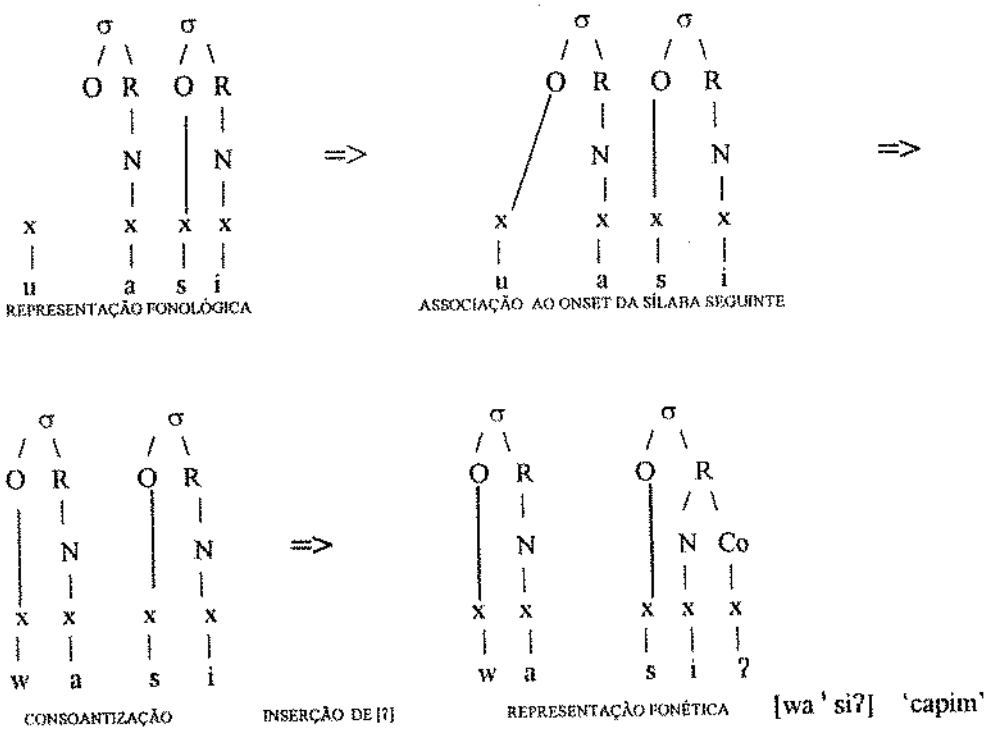
(11)	(a) [**wa**. ' si?]	'capim'	[**CV** . CVC]
	(b) [a. **ja**. ' **wi**?]	'beber'	[V. **CV**. **CVC**]
	(c) [su. ' **ja**?]	'rato'	[CV.**CVC**]
	(d) [**ju**. a ' pa?]	'grande'	[**CV** . V .CVC]

Em (11) observamos a presença de **w** e **j** em posições não nucleares da sílaba. Esses segmentos seriam, na realidade, manifestações fonéticas dos fonemas vocálicos /u/ e /i/,

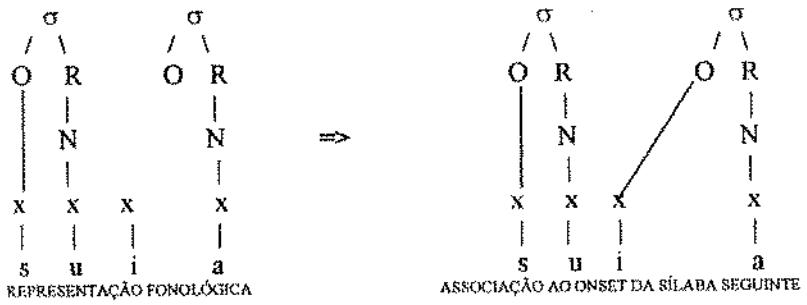
respectivamente, visto que na Geometria dos Traços esses segmentos não são reconhecidos como fonemas, já que não são tão distintos dos sons vocálicos altos. Dessa forma, essas vogais altas, originalmente ligadas a um só tempo X, precisam ser licenciadas foneticamente. Isto é, devem ligar-se a uma posição silábica que pode ser nuclear ou não. Então, obedecendo ao padrão silábico CV, ocupam a posição de *Onset* da sílaba seguinte, que se encontra vazia e, para que se manifestem como *Onset* dessa sílaba, sofrem um processo de consoantização, passando a se realizar como glides.

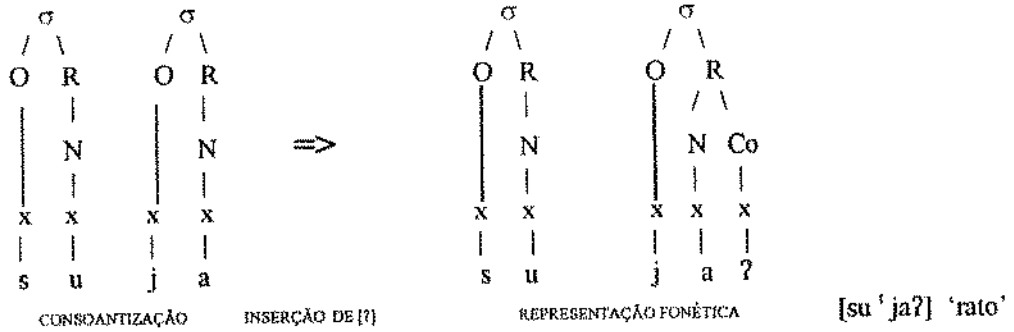
Portanto, de acordo com essa interpretação, palavras como as exemplificadas em (11a) e (11c), acima, teriam as seguintes derivações:

(12) (a)



(12) (b)





[su ˈ ja?] 'rato'

Poder-se-ia questionar o porquê dos segmentos /u/ e /i/ não se associarem à primeira sílaba. O fato é que a associação desses segmentos à *Coda* precedente violaria o padrão silábico da língua **CV.CV**. Além disso,. nas teorias não lineares a tendência é privilegiar o preenchimento da posição de *Onset* em relação à *Coda* (Clements & Keyser, 1983).

4.3.2. AS SEQÜÊNCIAS C $\begin{bmatrix} \mathbf{w} \\ \mathbf{j} \end{bmatrix}$ V

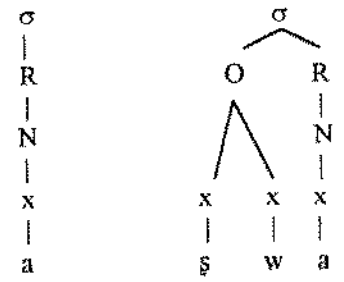
Um outro caso que encontramos nos dados do Shanenawá é a co-ocorrência de seqüências cujo primeiro segmento é uma obstruinte e o segundo, um glide seguido por uma vogal, ou seja, seqüências do tipo [...**CwV**...] ou [...**CjV**...], como nos exemplos em (13):

(13)	(a) [a.ˈ ʂwa?]	'boca'	[V . **CwVC**]
	(b) [twɜ̃n.ˈ ti?]	'remo'	[**CwVC** . CVC]
	(c) [tjus.ˈ tu?]	'papo'	[**CjVC** . CVC]
	(d) [pja.kɜ̃.na.ˈ ti?]	'arco'	[**CjV** . CV . CV . CVC]

Considerando os dados em (13), levantamos duas possíveis hipóteses para explicar o comportamento de [w] e [j] nesses tipos silábicos: 1) tais segmentos exercem de fato a função de consoantes na representação fonológica, ou seja, são fonemas; 2) **w** e **j** são manifestações fonéticas, isto é, alofones das vogais altas posterior /u/ e anterior /i/, respectivamente, tal como assumimos na seção anterior (cf. 12: a, b).

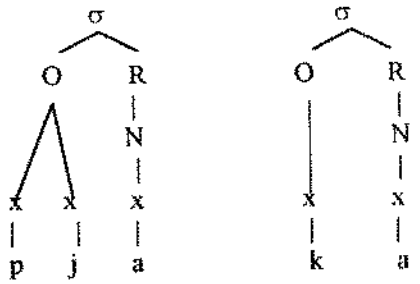
Se aceitássemos a primeira hipótese, deveríamos assumir, então, que existem grupos consonânticos na posição de *Onset* nessa língua. Assim, palavras como [aˈʂwa?] 'boca' e [pjaˈka?] 'flecha' deveriam ser representadas, na estrutura profunda, conforme (14: a, b), abaixo:

(14) (a)



/a.ʂwa/ 'boca'

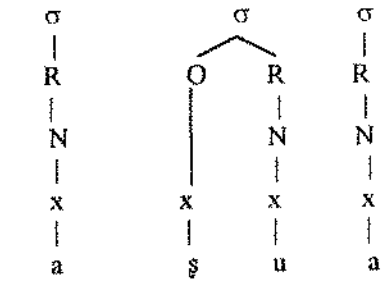
(b)



/pja.ka/ 'flecha'

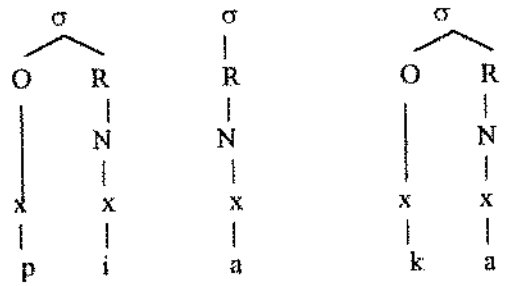
A segunda hipótese levar-nos-ia a reconhecer estruturas fonológicas como em (15a) e (15 b) para as palavras [a'ʂwa?] e [pja'ka?]:

(15) (a)



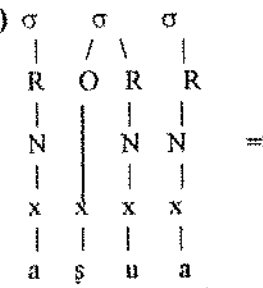
/a .ʂu.a/

(b)

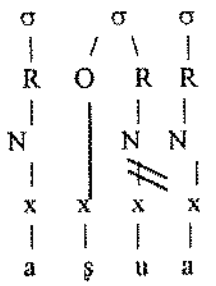


/pi.a .ka/

Dessa forma, as palavras acima são formadas por três núcleos na estrutura fonológica, porém, foneticamente, realizam-se apenas com duas *Rimas*. O que ocorre é que na fala casual as vogais altas /i/ e /u/, quando se encontram em posição **C__V**, em que **V** é diferente de /u/ e /i/, desligam-se de sua posição de *Núcleo* para associar-se à consoante precedente. Desse modo, sofrem um processo de consoantização e disso resulta a formação de um tipo de "clusters" (**Cw** ou **Cj**) em posição de *Onset*. Uma conseqüência disso é que a vogal seguinte desliga-se de sua posição nuclear original para ir ocupar a *Rima* da sílaba precedente, que após o referido processo, ficou vaga. Ter-se-ia, então, para (15a) a seguinte derivação em (16):

(16) (a) 

REPRESENTAÇÃO FONOLÓGICA

(b) 

DESLIGAMENTO DE /u/

(c)

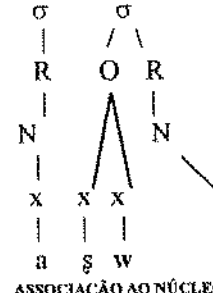
ASSOCIAÇÃO AO ONSET PRECEDENTE

(d)

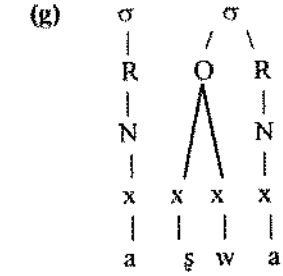
CONSOANTIZAÇÃO DE /u/

(e)

DESLIGAMENTO DE /u/

(f) 

ASSOCIAÇÃO AO NÚCLEO PRECEDENTE

(g) 

INSERÇÃO DE [ʔ]

(h)

DERIVAÇÃO FONÉTICA

Os dados de que dispomos revelam-nos que não há *Onsets* ramificados, ou seja, *Onsets* compostos por duas consoantes, nessa língua, o que pode ser evidenciado pelas seqüências que não causam ambigüidade em sua interpretação, isto é, aquelas do tipo **CV(C)**, tais como as que ilustramos em (17):

(17)	(a) /ɾi.nu/	'cobra'	**CV . CV**
	(b) /ʂa.fa/	'dia'	**CV . CV**
	(c) /ɾa.tun.ku/	'joelho'	CV . **CVC** . CV
	(d) /pus.tu/	'barriga'	**CVC** . CV

Além disso, observamos que os falantes nativos da língua, ao produzirem pausadamente palavras como as que aparecem em (13), percebem (interpretam) as aproximantes [w] e [j] como *Núcleos* silábicos. Aliás, esse seria outro argumento contra uma interpretação de que os segmentos [w] e [j], nas seqüências **CwV** e **CjV,** formariam *Onsets* ramificados.

Em suma, no nível fonético, as vogais altas /i/ e /u/ atualizam-se como "glides consonantais" quando as mesmas ocorrem antes de outras vogais. Em vista desse fato, esses segmentos ocupam a posição de *Onset* em co-ocorrência com uma obstruinte, criando *Onsets* ramificados na emissão fonética. Assim, na estrutura de base as ocorrências exemplificadas em (13: a-d) serão silabificadas como:

	NÍVEL FONOLÓGICO	NÍVEL FONÉTICO	
(18)	(a) /tu.an.ti/ CV.VC.CV	[twɜ̃n.ˈ ti?] CCVC.CVC	'remo'
	(b) /a.ʂu.a/ V.CV.V	[a.ˈ ʂwa?] V.CCVC	'boca'
	(c) /ti.us.tu/ CV.VC.CV	[tjus.ˈ tu?] CCVC.CVC	'papo'
	(d) /pi.a.ka.na.ti/ CV.V.CV.CV.CV	[pja.ka.na.ˈ ti?] CCV.CV.CV.CVC	'arco'

Por outro lado, poder-se-ia assumir que as seqüências **CwV** e **CjV** formam unidades monofonemáticas do tipo /t^{w}/, /t^{j}/, /ʂ^{w}/, /p^{j}/, ou seja, fonemas com articulação secundária. Contudo, não há evidências no sistema da língua Shanenawá para essa interpretação, pelo contrário, o fato de que os falantes produzem (pausadamente) dois núcleos distintos em seqüências desse tipo, como dissemos anteriormente, é uma evidência contra essa interpretação.

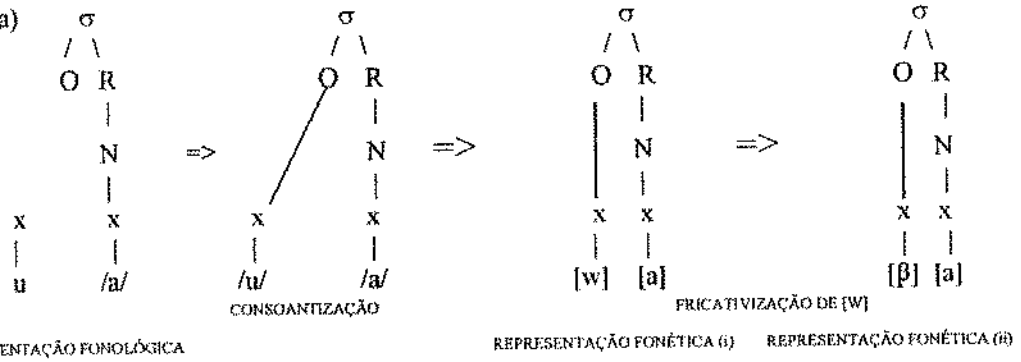
4.3.3. AS VARIAÇÕES LIVRES: [w] e [β]; [j] e [dʒ]

No capítulo anterior (cf. p. 63-64), ao fazermos a análise dos fones da língua Shanenawá, segundo os moldes da fonêmica clássica, descrevemos as variações livres entre os pares de segmentos: [w] e [β], [j] e [dʒ], como exemplificado em (50: a-d) e (51: a-b), respectivamente.

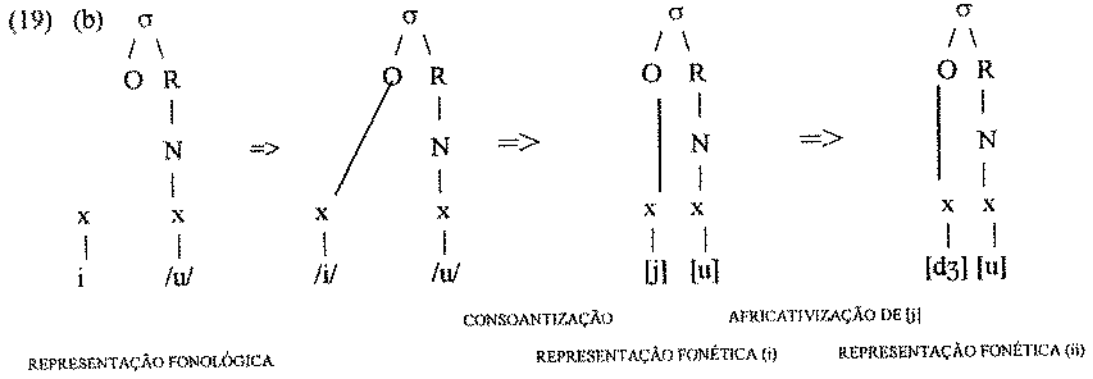
Naquela descrição, [w] e [β] aparecem como alofones de /w/; e [j] e [dʒ], como alofones de /j/, ou seja, no nível fonêmico, [w] e [j] são fonemas consonantais. Contudo, neste capítulo, assumimos que os referidos segmentos são apenas realizações fonéticas das correspondentes vogais altas /u/ e /i/, respectivamente. Isso implica considerar, então, que as referidas variações livres devem ser o resultado de detalhes fonéticos bem superficiais. Isto é, em princípio, na base, estariam as vogais altas /u/ e /i/, num segundo momento, ou seja, após o processo de silabificação essas vogais ocorreriam como aproximantes ocupando as posições de *Onset* e *Coda* no nível fonético; e num terceiro momento, operaria

um processo de reforço dos glides, os quais passariam a ocorrer como verdadeiras consoantes, resultando, então, nas variações livres entre [w] e [β] e entre [j] e [dʒ]. Em (19: a-b) ilustramos as derivações que ocorrem com seqüências do tipo [wa] e [ju], respectivamente:

(19) (a)



(19) (b)



Com isso, concluímos as seções elaboradas com o objetivo de tratar das seqüências **wV** e **jV**. A seção seguinte tratará das versões inversas dessas seqüências.

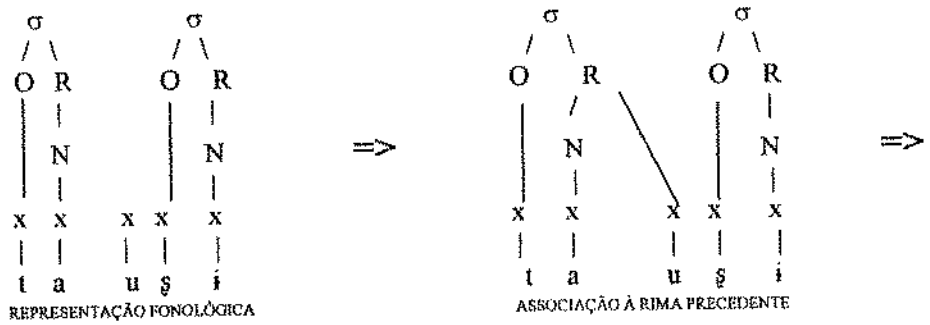
4.3.4. SEQÜÊNCIAS V [w / j]

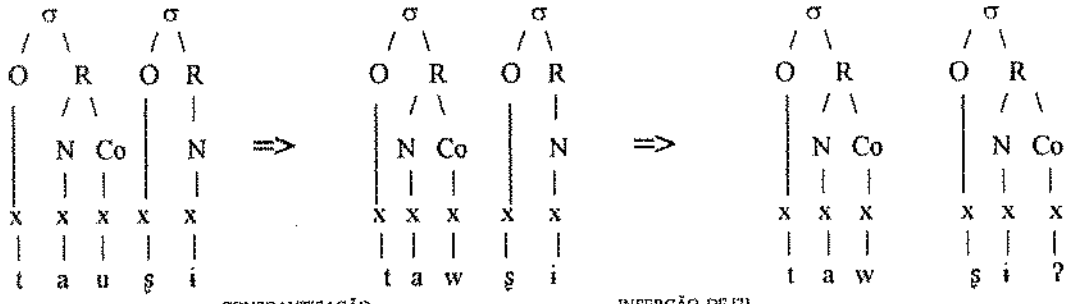
Semelhante ao que ocorre com os segmentos [-cons] associados à posição de *Onset*, poderíamos assumir que as vogais altas /u/ e /i/ precedidas por outras vogais também se convertem em glides consonantais em posição de *Coda*, conforme é exemplificado em (20):

(20)	(a) [taw .' ʂɨʔ]	'ombro'	[**CVC** . CVC]
	(b) [maj. ' tiʔ]	'chapéu'	[**CVC**. CVC]
	(c) [piw. ' tʃiʔ]	'costas'	[**CVC** . CVC]
	(d) [nij. ' βuʔ]	'vento'	[**CVC**. CVC]

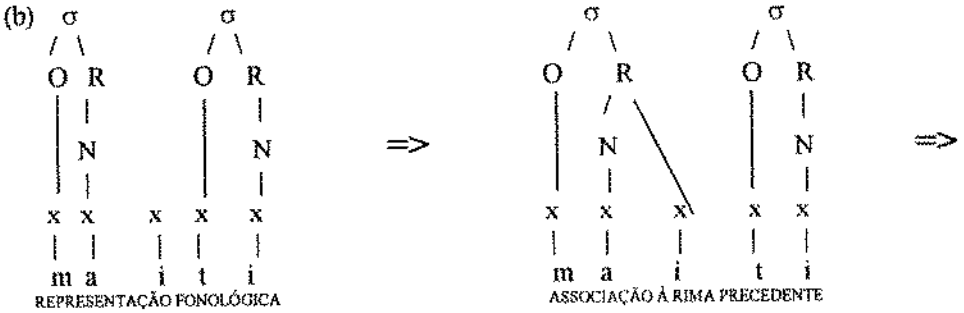
Assim, palavras como (20a) e (20b), acima, terão derivações como em (21a) e (21b), respectivamente:

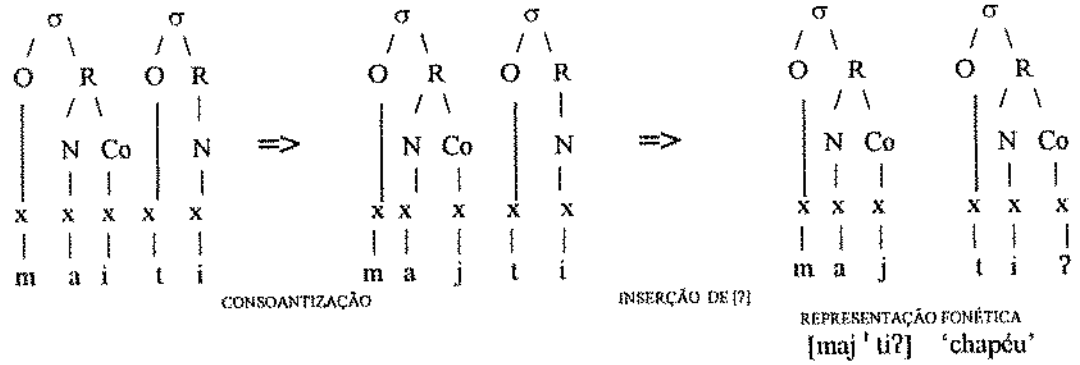
(21) (a)





(21) (b)

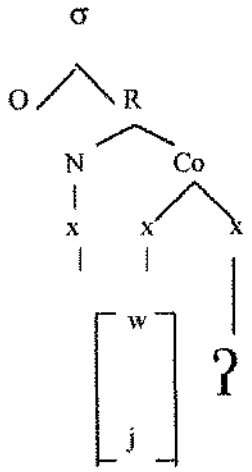




É preciso, entretanto, averiguarmos alguns casos como os exemplificados em (22):

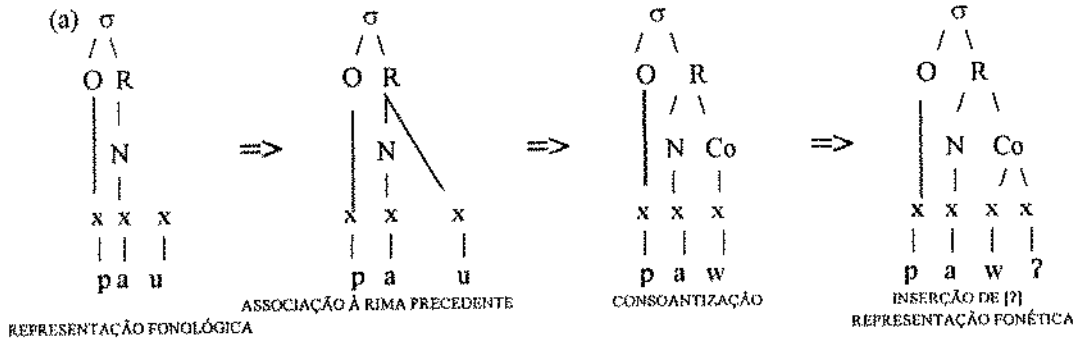
(22)	(a) [ˈ pawʔ]	'brinco'	[CVCC]
	(b) [ˈ sawʔ]	'osso'	[CVCC]
	(c) [ˈ tʃæjʔ]	'primo'	[CVCC]
	(d) [watu na. ˈ kajʔ]	'aqueles'	[CV.CV.CV.CVCC]

Nesses exemplos observamos a co-ocorrência de [...w?] e [...j?], o que poderia ser interpretado como *Coda* complexa, ou seja, uma estrutura tal como:

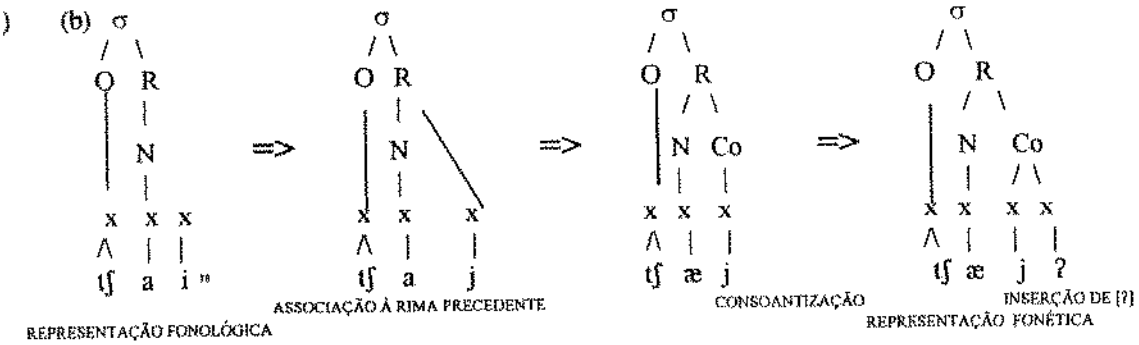


Dessa forma, palavras como [' paw?] e [' tʃæj?] seriam representadas como em (23a) e (23 b):

(23) (a)



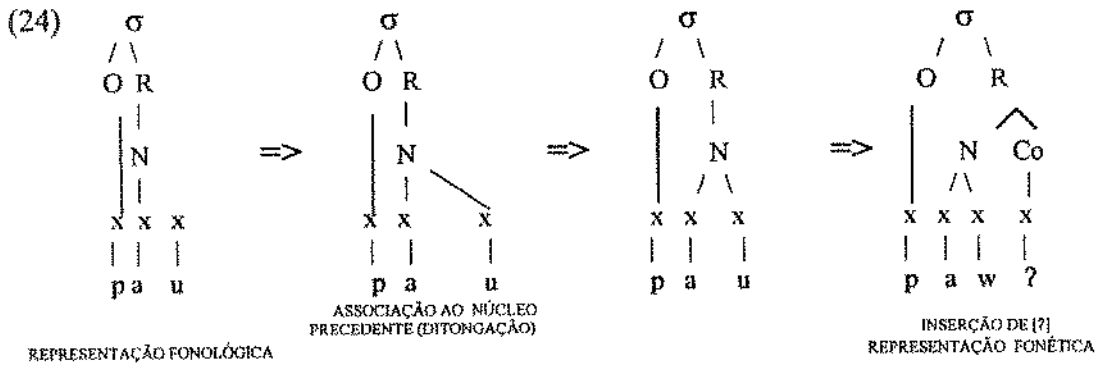
(23) (b)



[38] Clements e Hume (1995) propõem, diferentemente do modelo SPE, um sistema de traços distintivos no qual um segmento africado é considerado complexo, uma vez que possui duas raízes, ou seja, é caracterizado por dois traços articuladores distintos, tratando-se, portanto, de um segmento com constrições simultâneas e de contorno. Daí essa representação para a africada /tʃ/.

Contudo, como já explicitamos no capítulo anterior (cf. p. 61), o estatuto da glotal [ʔ] é estritamente fonético, visto que sua ocorrência é predizível, isto é, manifesta-se sempre em final de palavra e apenas após vogal. Somando-se a este último fato a constatação de que no Shanenawá não há *Coda* complexa, podemos concluir que os segmentos **w** e **j**, que na estrutura fonética ocupam a posição de *Coda*, seriam vogais na estrutura fonológica e estariam ligadas ao constituinte *Núcleo* da sílaba, formando, assim, uma espécie de ditongo pesado. Por outro lado, se de fato **w** e **j** fossem consoantes verdadeiras, não seria permitida a inserção da glotal [ʔ] em posição de *Coda*, já que isso violaria o padrão silábico da língua. Desse modo, uma emissão fonética como [ˈpawʔ] terá a seguinte derivação:

(24)



4.3.5. A RESSILABIFICAÇÃO

Em Shanenawá ocorrem ressilabificações em fronteira de palavras e desses processos resultam os fenômenos de elisão e de ditongação. A elisão afeta um dos segmentos de uma seqüência de vogais idênticas que se ligam para compor palavras como:

(25) (a) iurá # amihú => [jurami ' hu?] 'índia'
V.V.**CV** # **V**.CV.CV => [CV.**CV**.CV.CVC]
índio mulher

(b) ifi # itʃapá => [**ifi**tʃa ' pa?] 'tábua'
V.**CV** # **V**.CV.CV => [V.**CV**.CV.CVC]
pau muito

(c) ifi # iuapa # mastá => [**ifiwa** ' pa # mas ' ta?] 'pauzinho'
V.**CV** # **V**.V.V.CV # CVC.CV => [V.**CV.C**V.CV. # CVC.CVC]
pau diminutivo

(d) mí # iurá => [**miw** ' ra?] 'parente'
CV # **V**.V.CV => [**CVC**.CVC]
poss. 2ps. gente

Como mostram os dados em (25), o encontro de duas vogais em fronteira de palavra ocasiona o apagamento de uma das vogais, geralmente aquela que se encontra à direita na seqüência. Esse fato deve ser interpretado como uma estratégia que a língua Shanenawá emprega para não violar o *Princípio do Contorno Obrigatório* (PCO), segundo o qual elementos adjacentes idênticos são proibidos (McCarthy, 1986). Além disso, sabemos que a vogal da esquerda ocupa a posição final da sílaba da primeira palavra, posição aquela que é tônica, enquanto a da esquerda é átona. Sendo assim, mantém-se o segmento mais forte em nível de tonicidade.

Em (26), abaixo, apresentamos exemplos mostrando que o encontro de dois núcleos produz a ditongação:

(26) (a) murú # itʃapá => [mur**uj**tʃa ' pa?] 'beiju'
CV.**CV** # **V**.CV.CV => [CV.**CVj**.CV.CVC]
farinha muito

(b) farí # unatí => [far**iw**na ' ti?] 'relógio'
CV.**CV** # **V**.CV.CV => [CV.**CVw**.CV.CVC]
sol marcador

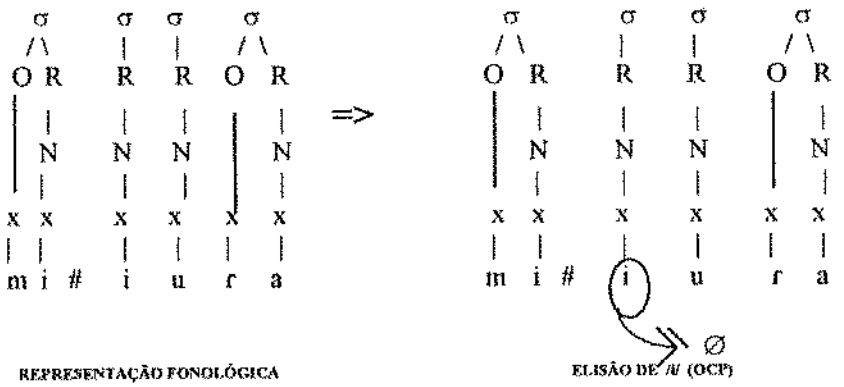
(c) raiusí # amihú => [raju**sj**ami ' hu?] 'sogra'
CV.V.V.**CV** # **V**.CV.CV => [CV.CV.**CjV**.CV.CVC]
sogro mulher

(d) famú # amí => [**famwa** ' mi?] 'porca'
CV.**CV** # **V**.CV => [CV.**CwV**.CVC]
porco feminino

Como podemos observar, nos dois primeiros exemplos (26: a, b) tem-se o encontro de duas vogais altas. Em (26: c, d) o encontro dá-se entre altas e baixas. Em todos os casos trata-se do encontro de vogais em fronteira de palavras, ou seja, em estruturas de composição. Observa-se, igualmente, que os elementos situados à esquerda da composição terminam em vogais tônicas e aqueles à direita começam por vogais que foneticamente são átonas. Pelo *Princípio do Contorno Obrigatório*, uma das vogais desse encontro modifica-se. Assim, a vogal inicial do segundo elemento, que é átona, consoantiza-se, ocorrendo como um glide na seqüência (26: a, b). Já em (26:c, d) a relação ocorre entre segmentos altos e baixos. Em concordância com a escala de sonoridade de vogais, observa-se que aquelas de menos sonoridade, ou seja, as altas, consoantizam-se, permanecendo, assim, a vogal baixa como núcleo silábico.

Em (25: c, d) observa-se ainda que o processo de ressilabificação ocasiona a elisão da vogal alta /i/ inicial da segunda palavra, conforme a palavra [miw'ra?] 'parente', ilustrada em (27 a) abaixo:

(27) (a)

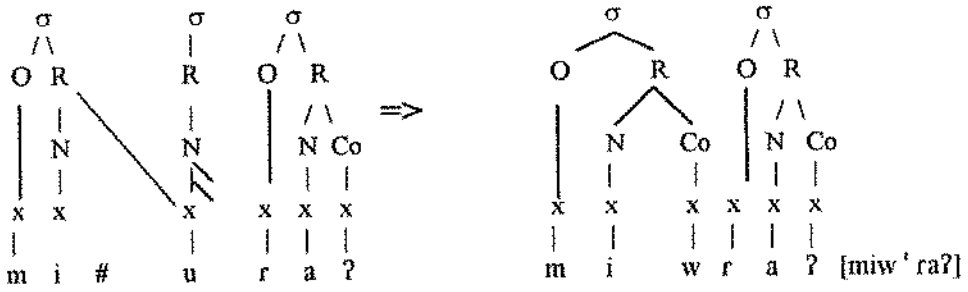


REPRESENTAÇÃO FONOLÓGICA

ELISÃO DE /i/ (OCP)

Em derivações como em (27), podem-se assumir duas interpretações para as realizações fonéticas do composto: em uma, ter-se-ia a consoantização de /i/ e /u/ que, ao se desligarem de sua posição original, unem-se à Rima da sílaba precedente para ocuparem a posição de *Coda*; na outra, os referidos segmentos, após desligarem-se de sua posição original, iriam juntar-se ao *Núcleo* da sílaba precedente. Em (27b) demonstramos o primeiro caso, e em (27c) o segundo:

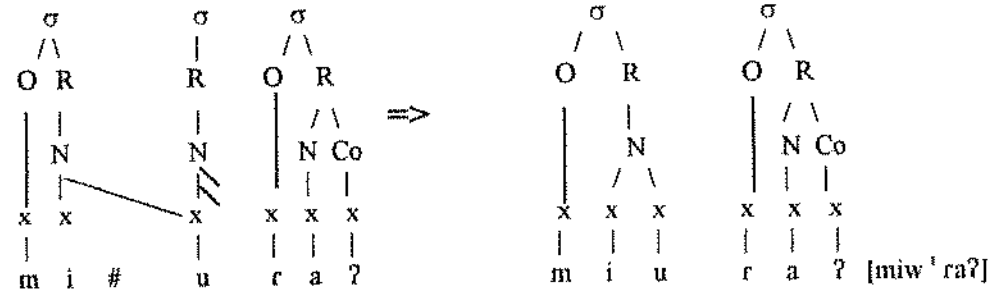
(27) (b)



DESLIGAMENTO DO NÚCLEO E ASSOCIAÇÃO À RIMA (CODA) PRECEDENTE, CONSOANTIZAÇÃO DE /u/ E INSERÇÃO DE [ʔ]

REPRESENTAÇÃO FONÉTICA (I)

(27) (c)



DESLIGAMENTO DO NÚCLEO E ASSOCIAÇÃO AO NÚCLEO PRECEDENTE, DITONGAÇÃO E INSERÇÃO DE [ʔ]

REPRESENTAÇÃO FONÉTICA (II)

Tanto em (27b) como em (27c) o efeito fonético seria o mesmo. Contudo, carecemos de evidências empíricas para decidir por uma ou outra representação. A diferença relaciona-se com a interpretação, pois enquanto em (27b) o segmento [w] fica na *Coda* implicando uma estrutura CVC, em (27c) esse mesmo segmento está no *Núcleo* da sílaba formando uma espécie de ditongo pesado, isto é: CVV.

4.4. O ACENTO[39]

4.4.1. O ACENTO EM PALAVRAS SIMPLES

Na língua Shanenawá as palavras simples podem ser constituídas por uma ou mais sílabas, como é ilustrado em (28), abaixo:

(28)	(a) [' tʃi?]	'fogo'	[CVC]
	(b) [' fu?]	'cabelo'	[CVC]
	(c) [i ' pa?]	'pai'	[V.CVC]
	(d) [ma ' ki?]	'piranha'	[CV.CVC]
	(e) [quru ' pa?]	'azul'	[CV.CV.CVC]
	(f) [juşa ' ti?]	'faca'	[CV.CV.CVC]

[39] No modelo gerativo de Chomsky & Halle (1968) o acento foi tratado como um traço segmental associado às vogais e em muitos casos como traço multi-valorado. Atualmente, os estudos fonológicos não-lineares, como a Fonologia Métrica, consideram o acento como uma propriedade associada à sílaba, principalmente à rima. Trata-se, assim, de uma proeminência originada na relação hierárquica dos elementos prosódicos: sílaba, pé e palavra fonológica. Segundo esse modelo, então, o algoritmo acentual de uma língua está baseado na organização das sílabas em pés métricos e da posição do elemento dominante, ou seja, da sílaba forte (Hernandorena, 1997). Embora conscientes de que seria interessante uma análise do acento em Shanenawá a partir desses modelos mais atuais, decidimos limitar nosso estudo aos moldes descritivos, tendo em vista a exigüidade dos nossos dados.

Os dados em (28) evidenciam que nessa língua, à exceção dos monossilábicos, o acento recai sempre sobre a última sílaba das palavras simples. Trata-se, então, de uma manifestação predizível e que, portanto, não possui função distintiva, ou seja, não é fonêmica. Diante disso, o acento não precisa ser representado no nível fonológico.

4.4.2. O ACENTO EM PALAVRAS COMPOSTAS

Em Shanenawá há algumas palavras polissilábicas resultantes do processo de composição, ou seja, pela junção de duas palavras simples para formar outra, como em (29):

(29) (a) [i ˈ fi?] # [pa ˈ ni?] => [i ˌ vi? pa ˈ ni?] 'cama'
v.cvc # cv.cvc
madeira rede

(b) [na ˈ wa?] # [pi ˈ ja?] => [na ˌ wa? pi ˈ ja?] 'espingarda'
cv.cvc # cv.cvc
não-índio flecha

(c) [ta ˈ ri?] # [ʂi ˈ tʃi?] => [ta ˌ ri? ʂi ˈtʃi?] 'blusa'
CV.CVC # CV.CVC
capa peito

(d) [ʂa ˈ βa?] # [mas ˈ ta?] => [ʂa ˌ βa? mas ˈ ta ?] 'manhã'
cv.cvc # cvc.cvc
dia quantif.

Observamos em (29), acima, que o acento permanece fixo na última sílaba de cada palavra simples que constitui o composto. Contudo, há uma diferença na emissão fonética no grau de intensidade do acento da primeira palavra em relação ao da segunda, pois o da

primeira é mais fraco do que o da última. Estamos interpretando que na estrutura morfológica cada uma das palavras simples entraria com o seu próprio acento. Porém, ao entrarem no processo de composição, a proeminência do acento da primeira palavra é reduzida. Sendo assim, o elemento mais à direita leva o acento principal. O primeiro interpretamos como acento secundário, por ser menos proeminente.

4.5. OUTROS PROCESSOS FONOLÓGICOS

4.5.1. ASSIMILAÇÃO DE CONSOANTES NASAIS

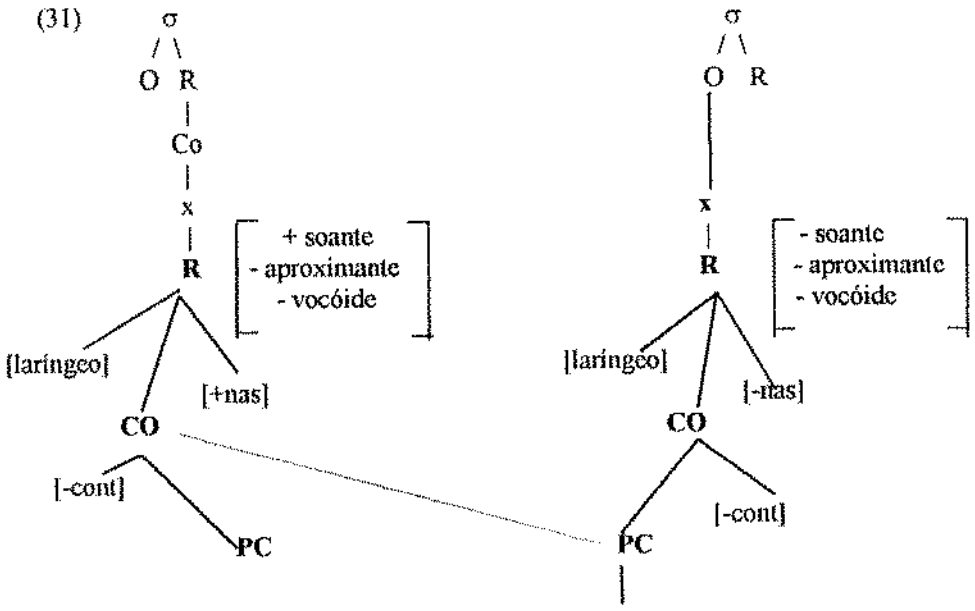
Em Shanenawá a soante nasal em posição de *Coda* não final de palavra forma grupos consonânticos homorgânicos com as obstruintes [-nas] que ocorrem como *Onsets* da sílaba seguinte:

(30) (a) /pitʃ**anti**/	=>	[pitʃ**ɜ̃n** ˈ te?]	'fogão'
(b) /nik**in**piakahusti/	=>	[nik**ĩ mp**ja'ka?hus ˈ ti?]	'nossos arcos'
(c) /si**run**cin/	=>	[si**rũɲ** ˈ c̃i]	'lamber'
(d) /mitiu**n** # kavu/	=>	[mitiũ**ŋ** # ka ˈ βu?]	'caminhar'
(e) /miti**n**ku # ranihi/	=>	[mi**ĩN** ˈ qu # rani ˈ hĩ]	'voltar'

Notamos, desse modo, que a consoante nasal alveolar /n/ realiza-se foneticamente como alveolar [n], bilabial [m], palatal [ɲ], velar [ŋ] e uvular [N] antes de consoantes alveolares, bilabiais, palatais, velares e uvulares, respectivamente.

A representação arbórea em (31), abaixo, ilustra esse processo na Geometria dos Traços:

(31)



Como observamos, a consoante nasal não especificada para ponto de articulação em posição de *Coda* assimila o ponto da obstruinte homorgânica seguinte, ou seja, o traço de ponto não especificado da consoante nasal **PC** (*ponto de consoante*) associa-se ao **PC** da obstruinte. Daí a [+nasal] ocorre como [n], [ɲ], [ŋ] e [N] na estrutura de superfície.

4.5.2. A NASALIDADE DAS VOGAIS

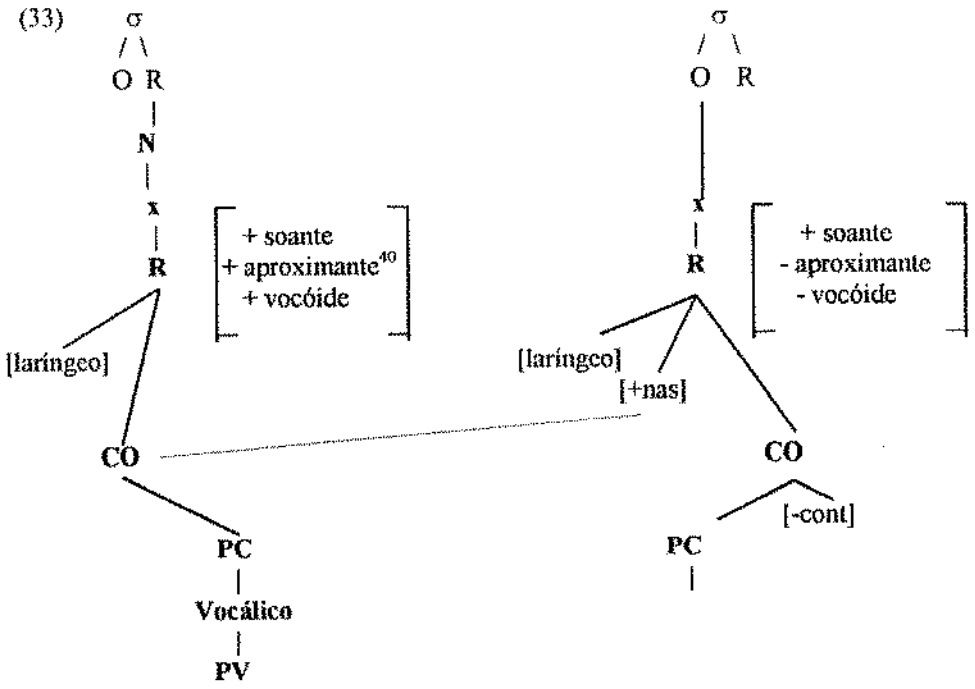
Em termos de nasalidade, as vogais têm sido classificadas em *nasais* e *nasalizadas*. No primeiro caso, a manifestação da nasalidade é considerada autêntica (pura), ou seja, fonêmica, uma vez que pode estabelecer oposições como a que ocorre em francês entre /bõ/ <bon> "masculino" e /bon/ <bonne> "feminino" (Câmara Jr, 1970). Já no segundo caso, trata-se apenas de uma variação alofônica com a vogal oral, pois é resultante do contato com uma consoante nasal adjacente.

Ao fazermos a análise, ainda preliminar, dos segmentos vocálicos do Shanenawá, verificamos que apenas o segundo tipo de nasalidade manifesta-se nessa língua. Também observamos que as vogais são nasalizadas tanto em posição tautossilábica (cf. 32: a-d) quanto em posição heterossilábica (cf. 32: g-h):

(32)	(a) [ɾa.tũN ˈ. qu?]	'joelho'	CV. **C$\tilde{v}\tilde{c}$**. CVC
	(b) [twɜ̃n. ˈ ti?]	'remo'	**CC$\tilde{v}\tilde{c}$** .CVC
	(c) [ɨ̃n. ˈ te?]	'coração'	**$\tilde{v}\tilde{c}$**.CVC
	(d) [pa.hĩɲ ˈ ci?]	'orelha'	CV.**C$\tilde{v}\tilde{c}$**.CVC
	(e) [βa.ɾjũ.na. ˈ ti?]	'relógio'	CV.CC**$\tilde{v}$.$\tilde{c}$**V.CVC
	(f) [pja.kɜ̃.na. ˈ te?]	'arco'	CCV.C**$\tilde{v}$.$\tilde{c}$**V.CVC
	(g) [aw.nɜ̃.ɲĩn. ˈ ti?]	'pilão'	VC.C**$\tilde{v}$.$\tilde{c}$V$\tilde{c}$**.CVC
	(h) [ɜ̃. ˈ nu?]	'paca'	**$\tilde{v}$.$\tilde{c}$**VC

Como podemos notar em (32: a-d) a nasalidade é transmitida à vogal pela consoante nasal que está na posição de *Coda* na mesma sílaba. Já em (32: e-h), ela provém da nasal que ocupa a posição *Onset* da sílaba seguinte. Abaixo, ilustramos esses processos através da representação arbórea em (33):

(33)



Como se vê na representação em (33), o traço [+nas] da consoante seguinte espraia-se para a cavidade oral da vogal [-nas], que pode estar tanto em posição tautossilábica como heterossilábica. Isto é, o traço [+nas] da consoante espraia-se regressivamente para a vogal.

Em (34), abaixo, tem-se os dados em que as consoantes nasais ocorrem em posição de *Onsets*:

[40] Em Clements & Hume (1995:296), os vocóides são considerados como aproximantes.

(34)	(a) [mis.ci. ˈ te?]	'pedra'	c̃VC.CV.CVC
	(b) [ma. ˈ pu?]	'cabeça'	c̃V.CVC
	(c) [pɜ̃. ˈ ma?]	'pama'	Cṽ. c̃ VC
	(d) [na. ˈ i?]	'céu'	c̃V.VC

Como se pode ver, embora as vogais ocorram adjacentes a uma consoante nasal, não se nasalizam, visto que esta encontra-se à esquerda da vogal. Em suma, a nasalização das vogais em Shanenawá opera do modo seguinte:

Domínio: sílaba (tautossilábica e heterossilábica)

Direcionalidade: direita para a esquerda.

4.5.3. AS VOGAIS NASALIZADAS EM FINAL DE PALAVRAS

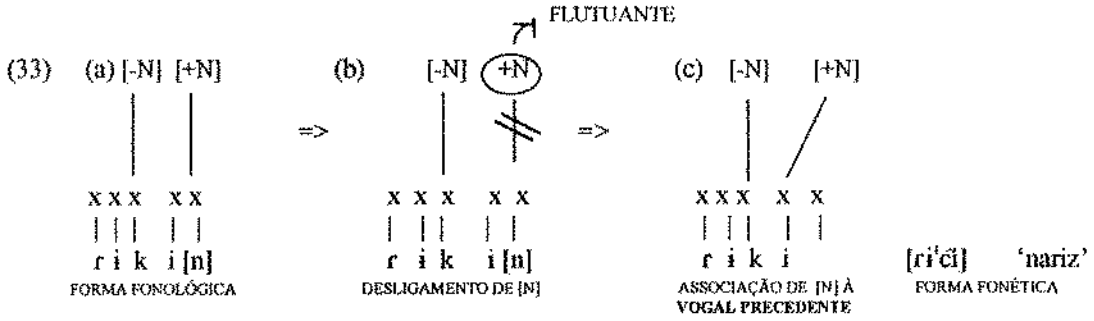
Além dos dados citados em (32), há outros em que se nota que a nasalização das vogais ocorre tautossilabicamente, contudo, em final de palavras como em (35):

(35)	(a) [iʃ. ˈ cĩ]	'peixe'	VC. Cṽ
	(b) [ru. ˈ sɜ̃]	'sal'	CV .Cṽ
	(c) [ru.tuŋ. ˈ kɨ̃]	'morder'	CV.CVC.Cṽ
	(d) [ju .ˈ kɜ̃]	'goiaba'	CV.Cṽ
	(e) [na.rɜ̃.na. ˈ hĩ]	'todos'	CV.CV.CV.Cṽ
	(f) [ma. ˈ ʂũ]	'chifre'	CV.Cṽ

Em (35) as vogais nasalizadas localizam-se em final absoluto de palavra. Não há oposição entre as vogais orais e as nasais nessa posição ou em qualquer outra. Sendo assim, consideramos que as vogais nasalizadas em final de palavra resultam da queda de uma consoante nasal não especificada, que deixa como testemunho (vestígio) uma vogal nasalizada. Nesse sentido, os itens de (35) serão representados na fonologia como:

(35)	(a) /iʂkin/	[iʃ ˈ c̃i]	'peixe'
	(b) /ɾusan/	[ɾu ˈ sɜ̃]	'sal'
	(c) /ɾutunkin/	[ɾutuŋ ˈ k̃i]	'moder'
	(d) /iukan/	[ju ˈ kɜ̃]	'goiaba'
	(e) /naɾanahin/	[naɾɜ̃na ˈ h̃i]	'todos'
	(f) /maʂun/	[ma ˈ ʂũ]	'chifre'

Um fato relevante do qual devemos lembrar é que em todas as palavras que terminam em sílaba aberta, insere-se a plosiva glotal surda [ʔ] em posição final. Contudo, quando a vogal é nasalizada, a inserção da glotal não se produz, ou seja, não se tem seqüências do tipo #...Cṽʔ#*. Isso pode ser considerado um dado adicional para assumirmos que realmente há uma consoante nasal na posição de *Coda* final. Diante disso, concluímos que as vogais nasalizadas em final de palavras são o resultado da "evaporação" de uma consoante nasal na forma fonética. Em (33) ilustramos esse processo na derivação da palavra [ɾiˈc̃i] 'nariz':



Como vemos em (33a), isto é, na estrutura de base, haveria na *Coda* uma consoante nasal não especificada para ponto. Como ela não é licenciada foneticamente, desliga-se de sua posição original, porém, o traço nasal fica flutuante (33b). Esse traço deve manifestar-se na superfície, de modo que se associa a uma unidade passível de ser nasalizada, ou seja, um núcleo silábico (33c). Esse processo está relacionado com o *Parâmetro da Projeção*, que diz que "a floating autosegment links to the rightmost/leftmost available position"[41] (Piggott, 1988: 147).

[41] Ou seja, "um segmento flutuante deve ligar-se a uma posição não ocupada na direita ou na esquerda."

4.5.4. PALATALIZAÇÃO

Os processos de palatalização mais recorrentes nas línguas naturais podem ser resumidos em três: a) anteriorização de consoantes velares quando estas seguem vogais anteriores ou o glide palatal [j]; b) mudança no ponto de articulação de consoantes coronais, ou seja, consoantes alveolares e dentais tornam-se palato-alveolares ou prepalatais também em ambientes de vogais anteriores ou de [j]; c) adição de articulação palatal secundária a algumas consoantes, resultante do espraiamento do traço [+alto], quando a forma fonética contém um glide palatal não marcado (Lahiri & Evers, 1991).

Na língua Shanenawá verificamos apenas a ocorrência do segundo tipo de processo, do qual trataremos nesta seção.

4.5.4.1. MUDANÇA NO PONTO DE ARTICULAÇÃO DE CONSOANTES CORONAIS

Na língua Shanenawá a consoante fricativa alveolar [s] em posição de *Coda*, após a vogal alta [i], torna-se alveo-palatal, conforme exemplos que se seguem:

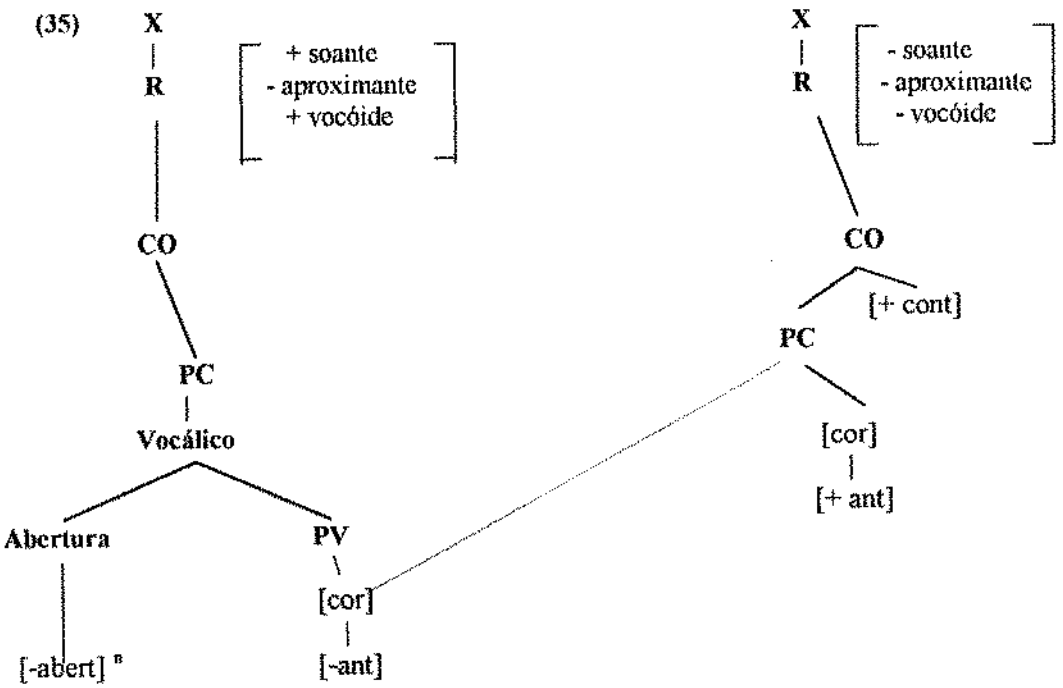
(34) (a) [piʃ ˈ tu?] 'barriga'

(b) [piʃ ˈ mi?] 'tingui'

(c) [iʃtiw ˈ qu?] 'macaco'

(d) [iʃ ˈ c̃i] 'peixe'

Esse processo é dado na representação arbórea em (35), abaixo:



Como vemos acima, esse é um processo de palatalização do tipo assimilação progressiva. O traço [coronal] da vogal /i/ espraia-se sobre o "PC" (ponto de consoante) do segmento /s/ que, como foi dito, se encontra em posição de *Coda*. Contudo, esse espraiamento é feito de modo redundante, pois, /s/ também é [coronal]. Assim, o espraiamento aplica-se no vazio; porém, nesse processo o traço [coronal] leva consigo o traço [-anterior] que caracteriza inerentemente a vogal /i/, do que resulta a mudança de /s/ para [ʃ].[42] Dessa forma, os dados apresentados em (34) seriam representados fonologicamente, conforme (36), abaixo:

[42] Para maiores detalhes sobre esse tipo de processo ver Clements & Hume (1995).

(36)	(a) /pistu/	=>	[piʃ ˈ tu?]	'barriga'
	(b) /pismi/	=>	[piʃ ˈ mi?]	'tingui'
	(c) /iştiuku/	=>	[iʃtiw ˈ qu?]	'macaco'
	(d) /iştkin/	=>	[iʃ ˈ c̃i]	'peixe'

Concluímos, por conseguinte , a descrição fonológica do Shanenawá, tendo por base os pressupostos teórico-metodológicos das teorias não-lineares. A seguir, apresentamos a conclusão de nosso trabalho, os apêndices e as referências bibliográficas.

5. CONCLUSÃO

Diante da complexidade de uma língua, toda análise a ela inerente, ainda que feita de modo aprofundado, deixará questões a serem resolvidas. Não foi diferente com este trabalho sobre a língua Shanenawá (Pano), que é falada por um povo localizado às margens do Rio Envira, no município de Feijó, Estado do Acre, Brasil; e cujo objetivo foi apresentar, de forma preliminar, uma análise fonológica da língua em questão.

Baseando-nos em um *corpus* lingüístico obtido em trabalho de campo (elicitação de dados com informantes) realizado em 1997, fizemos o inventário fonético do Shanenawá. Este é constituído de 25 contóides e 11 vocóides. Utilizando-nos dos critérios de contraste, distribuição complementar e variação livre (Pike, 1947; Kindell, 1981), fizemos a análise fonêmica desses sons, através da qual obtivemos como resultado 14 fonemas consonantais e 4 fonemas vocálicos, a saber: /p, t, k, m, n, r, f, s, ʂ, h, ts, tʃ, j, w, i, ɨ, u, a/.

Visando a descrever de forma mais clara alguns processos fonológicos que ocorrem na língua, tais como consoantização e ressilabificação, buscamos apoio em teorias fonológicas mais atuais, quais sejam, as teorias autossegmentais ou não-lineares. Dessa forma, analisamos a sílaba, ou seja, os tipos silábicos e suas constituições internas. No nível fonológico, a língua Shanenawá (Pano) apresenta os seguintes padrões silábicos: **V, VC, CV** e **CVC**.

Considerando a estrutura da sílaba, discutimos a ocorrência dos glides labial [w] e palatal [j] e concluímos que esses segmentos, quando ocorrem em seqüências do tipo **(C)glideV(C)** ou **(C)Vglide(C)**, são apenas manifestações fonéticas das vogais altas [u] e [i], respectivamente.

Quanto ao acento, observamos que nessa língua sua ocorrência é predizível, pois manifesta-se sempre na última sílaba da palavra. No que diz respeito aos compostos, observamos que o acento da palavra da esquerda é mantido, contudo, com intensidade reduzida em função do acento principal ser proeminente no final absoluto do composto. Dessa forma, não tem *status* fonológico.

Outros processos fonológicos que analisamos nessa língua dizem respeito à nasalidade. Observamos a assimilação das consoantes nasais, em posição de *Coda*, ao ponto de articulação das obstruintes homorgânicas que a seguem; e a nasalidade das vogais. Nesta última análise concluímos que não há segmentos vocálicos nasais no nível fonológico, mas que os segmentos que figuram como nasais no nível fonético seriam, na verdade, nasalizados em decorrência do contato com consoantes nasais. Registra-se, desse modo, um processo de nasalização vocálica.

Finalizando a etapa de análise dos processos fonológicos, descrevemos o processo de palatalização, que em Shanenawá se restringe à consoante coronal [+anterior] /s/ quando a mesma vem posposta aos segmentos coronais [i] e [j].

Como foi dito no início deste texto toda análise por mais que seja aprofundada ainda deixará questões a serem resolvidas. Deve-se ressaltar que a dissertação apresenta limitações as quais espera-se que sejam superadas em estudos futuros.

Para o momento acredita-se que o trabalho venha cumprir seu papel inicial que é o de contribuir para o conhecimento da língua Shanenawá, bem como da família lingüística Pano. Por outro lado, há também a questão da preservação da língua e da cultura do povo Shanenawá, lembrando que as informações etnográficas aqui apresentadas são o resultado de pesquisas bastante preliminares, que não esgotam de forma alguma a vasta riqueza cultural e lingüística Shanenawá.

APÊNDICE I

VOCABULÁRIO BÁSICO SHANENAWÁ

Visando a contribuir com os estudos comparativos lexicais das línguas indígenas, especialmente daquelas da família Pano, apresentamos nesse apêndice uma lista de itens do Shanenawá.

Essa lista, ressaltamos, é bastante preliminar e reduzida, contendo apenas 200 itens, os quais foram baseados no léxico de Swadesh e em outros formulários, como o do Museu Nacional. Este vocabulário apresenta-se em forma de entradas bilíngües Shanenawá-Português e Português-Shanenawá. Cada entrada organiza-se em ordem alfabética (latina) e contém uma transcrição fonológica, além de sua respectiva tradução.

SHANENAWÁ - PORTUGUÊS

FONOLÓGICO	TRADUÇÃO
a	ele/ela
ahu	eles/elas
aiaui	beber
aman	capivara
aminhu	mulher
ana	língua
anihu	velho
anu	paca
anuian	aí (adv. lugar)
asin	mutum
atsa	mandioca
aua	anta
aui	esposa
aua	mãe
aşua	boca
fari	sol
faki anihu	menina
fakihu	criança

fakɨhu nikufuni	menino
fakiʂi	noite/escuro
fapa	coruja
fatʃi	ovo
fafa	papagaio
fimi	fruta
fitʃi	pele
fini	marido
fistihu	alguns
fu	cabelo
fui	sujo
fuiʂta	nuvem
funa	novo
furu	olho
fusna	fino
fustisi	um
futuspa	curto
fuʂpia	cheio
han	sim
ia	piolho
iafiʂi	tatu
imi	sangue
inauɨ	dar
itʃapa	muito
itʃapa masta	pouco
iuapa	grande
iuapa masta	pequeno
iuina	pássaro
iuiukui	estragada
iumai	onça
iura	gente
iutapa	pesado
iuʂati	faca
iuʂi	bicho
ifi	pau
ifi pani	cama
iʂkin	peixe
iʂtiuku	macaco
iʂtin	estrela
ɨ	eu
ɨinti	coração
ɨni	água

ini	rio
ini iuapa	igarapé
ina	formiga
inai maui	viver
ipa	pai
itsahu	outro
iui	ver
iui	chuva
iʂi	semente
iʂipa	branco
iʂu	lua
kaman	cachorro
kamuʂi	cobra cascavel
kana	relâmpago
kapi	jacaré
kaui	andar
kaʂi	morcego
kui	fumaça
kuran	borracha
kustu tapa	grosso
kuta	coco
kuʂku	sapo
ma	partícula negativa
ma	vocês
mai	terra
mai ikiti	panela (de barro)
maiti	cocar
maiun	liso
mapu	cabeça
matsi	frio
matsi	gelo
matʃi	morro
maʂu	chifre
min	tu/você
mihi	mão
miskiti	pedra
misti	lenha
mitʃa	molhado
mitʃisi	unha
mitu	seco
niiaui	voar

niinu	aqui
niifu	vento
niku huni	homem
nimi	saliva
niui	verme
niuki	nós
nişu	tartaruga
nai	céu
naiui	morrer
nakaui	morder
nami	carne
napu	mosca
nara nahi	todos
naui	morrer
nafi	fumo
ni	mato
nikaui	caçar
niia	árvore
niua	flor
pahinki	orelha
pakiui	cair
panan	açaí
pani	rede de dormir
paşa pai	mau
paşi nipa	amarelo
paşuti	lança
piku	tripa
pia	flecha
pia kanati	arco
pina	rabo
pitsu	periquito
piui	comer
pistu	barriga
pitʃi	costas
piui	folha
pişi	casa
pua	inhame
puian	braço
puru kupa	redondo
pusan	bicho preguiça
ranaui	lutar

ɾatunku	joelho
ɾau	veneno
ɾafu	dois
ɾafu nirafu	quatro
ɾafu fustisi	três
ɾitiui	matar
ɾiika	estreito
ɾikin	nariz
ɾiui	machado
ɾiunfiti	cinco
ɾiusui	corda
ɾunu	cobra
ɾusan	sal
ɾutʃuan	pimenta
ʂaka	casca
ʂama inhu	cacique
ʂana	quente
ʂapu	algodão
ʂaɾa	bom
ʂaɾa	abelha
ʂatiui	cortar
ʂau	osso
ʂaua mati	anzol
ʂauan	arara
ʂafa	dia
ʂaʂu	canoa
ʂinaiui	pensar
ʂipi	banana
ʂina	aranha
ʂitiui	cheirar
ʂita	dente
ʂitʃi	peito
ʂiuiu	cipó
ʂuki	milho
ʂuna nipa	verde
ʂuʂui	brincar
taka	figado
takaɾa	galinha
tapiui	saber

tapu	raiz
tari	roupa
taui	perna
taui	pé
ti	pena (de pássaro)
tipi	zarabatana
tiʂu	pescoço
tsauinti	banco (de sentar)
tʃai	longe
tʃaima	perto
tʃapu	podre
tʃaʂu	veado
tʃi	fogo
tʃimuia	pajé
tʃiuʂinpa	preto
tʃuma	cabaça
tuanti	remo
uami niui	cantar
uasi	capim
uiʂaui	dormir
uta kupa	largo
uʂi nipa	vermelho

PORTUGUÊS-SHANENAWÁ

TRADUÇÃO	FONOLÓGICO
abelha	ʂara
açaí	panan
água	ini
aí (adv. Lugar)	anuian
algodão	ʂapu
alguns	fistihu
amarelo	paʂi nipa
andar	kaui
anta	aua
anzol	ʂua mati
aqui	niinu
aranha	ʂina
arara	ʂauan
arco	pia kanati
árvore	niia
banana	ʂipi
banco (de sentar)	tsauinti
barriga	pistu
beber	aiaui
bicho	iuʂi
bicho preguiça	pusan
boca	aʂua
bom	ʂara
borracha	kuran
braço	puian
branco	iʂipa
brincar	ʂuʂui
cabaça	tʃuma
cabeça	mapu
cabelo	fu
cacique	ʂama inhu
caçar	nikaui
cachorro	kaman
cair	pakiui
cama	ifi pani

canoa	ʂaʂu
cantar	uami niui
capim	uasi
capivara	aman
carne	nami
casa	piʂi
casca	ʂaka
céu	nai
cheio	fuʂpia
cheirar	ʂitiui
chifre	maʂu
chuva	iui
cinco	riunfiti
cipó	ʂiuiu
cobra	runu
cobra cascavel	kamuʂi
cocar	maiti
coco	kuta
comer	piui
coração	iinti
corda	riusui
cortar	ʂatiui
coruja	fapa
costas	pitʃi
criança	fakihu
curto	futuspa
dar	inaui
dente	ʂita
dia	ʂafa
dois	rafu
dormir	uiʂaui
ele/ela	a
eles/elas	ahu
esposa	aui
estragada	iuiukui
estreito	riika
estrela	iʂtin
eu	i
faca	iuʂati
figado	taka
fino	fusna

flecha	pia
flor	niua
fogo	tʃi
folha	piui
formiga	ina
frio	matsi
fruta	fimi
fumaça	kui
fumo	nafi
galinha	takara
gelo	matsi
gente	iura
grande	iuapa
grosso	kustu tapa
homem	niku huni
igarapé	ini iuapa
inhame	pua
jacaré	kapi
joelho	ratunku
lagarta	şina
lança	paşuti
largo	uta kupa
lenha	misti
língua	ana
liso	maiun
longe	tʃai
lua	işu
lutar	ranaui
macaco	iştiuku
machado	riui
mãe	afa
mandioca	atsa
mão	mihi
marido	fini
matar	ritiui
mato	ni
mau	paşa pai
menina	faki anihu
menino	fakihu nikufuni
milho	şuki
molhado	mitʃa

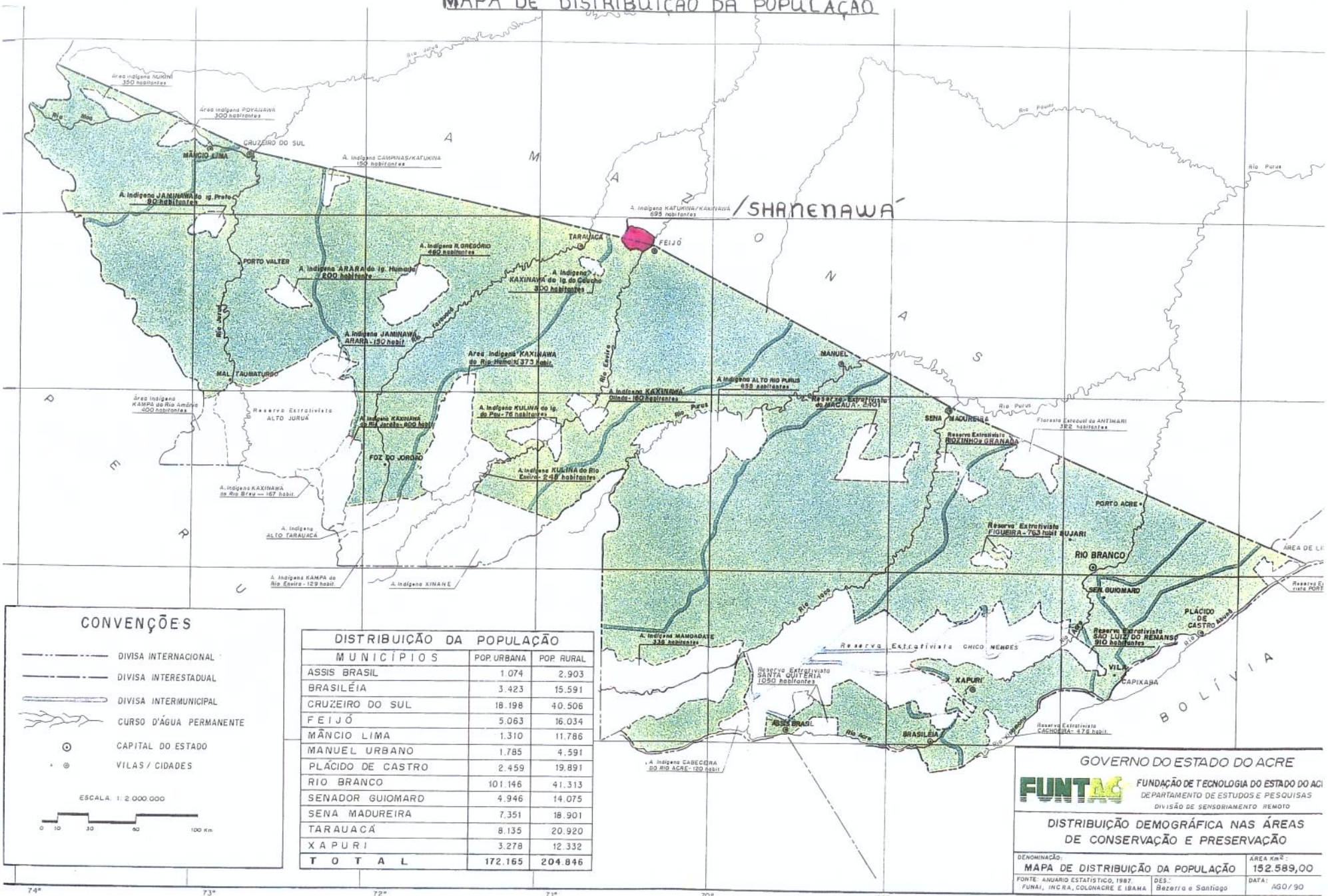
morcego	kaşi
morder	nakaui
morrer	naiui
morro	matʃi
mosca	napu
muito	itʃapa
mulher	aminhu
mutum	asin
não (partícula negativa)	ma
nariz	ɾikin
noite/escuro	fakişi
nós	niuki
novo	funa
nuvem	fuişta
olho	furu
onça	iumai
orelha	pahinki
osso	şau
outro	itsahu
ovo	fatʃi
paca	anu
pai	ipa
pajé	tʃimuia
panela (de barro)	mai ikiti
papagaio	fafa
pássaro	iuina
pau	ifi
pé	taui
pedra	miskiti
peito	şitʃi
peixe	işkin
pele	fitʃi
pena (de pássaro)	ti
pensar	şinaiui
pequeno	iuapa masta
periquito	pitsu
perna	taui
perto	tʃaima
pesado	iutapa
pescoço	tişu
pimenta	ɾutʃuan

piolho	ia
podre	tʃapu
pouco	itʃapa masta
preto	tʃiuʂinpa
quatro	ɾafu niɾafu
quente	ʂana
rabo	pina
raiz	tapu
rede de dormir	pani
redondo	puɾu kupa
relâmpago	kana
remo	tuanti
rio	ini
roupa	taɾi
saber	tapiui
sal	ɾusan
saliva	nimi
sangue	imi
sapo	kuʂku
seco	mitu
semente	iʂi
sim	han
sol	faɾi
sujo	fui
tartaruga	niʂu
tatu	iafiʂi
terra	mai
todos	naɾanahi
três	ɾafu fustisi
tripa	piku
tu/você	min
um	fustisi
unha	mitʃisi
veado	tʃaʂu
velho	anihu
veneno	ɾau
vento	niifu
ver	iui
verde	ʂuna nipa
verme	niui
vermelho	uʂi nipa

viver	ina imaui
voar	niiaui
vocês	ma
zarabatana	tipi

APÊNDICE II

MAPA DE DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO



CONVENÇÕES

- DIVISA INTERNACIONAL
- DIVISA INTERESTADUAL
- DIVISA INTERMUNICIPAL
- CURSO D'ÁGUA PERMANENTE
- CAPITAL DO ESTADO
- VILAS / CIDADES

ESCALA: 1: 2.000.000

0 10 30 60 100 Km

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO

MUNICÍPIOS	POP. URBANA	POP. RURAL
ASSIS BRASIL	1.074	2.903
BRASILÉIA	3.423	15.591
CRUZEIRO DO SUL	18.198	40.506
FEIJÓ	5.063	16.034
MÂNCIO LIMA	1.310	11.786
MANUEL URBANO	1.785	4.591
PLÁCIDO DE CASTRO	2.459	19.891
RIO BRANCO	101.146	41.313
SENADOR GUIOMARD	4.946	14.075
SENA MADUREIRA	7.351	18.901
TARAUACÁ	8.135	20.920
XAPURI	3.278	12.332
TOTAL	172.165	204.846

GOVERNO DO ESTADO DO ACRE

FUNTAC — FUNDAÇÃO DE TECNOLOGIA DO ESTADO DO ACRE

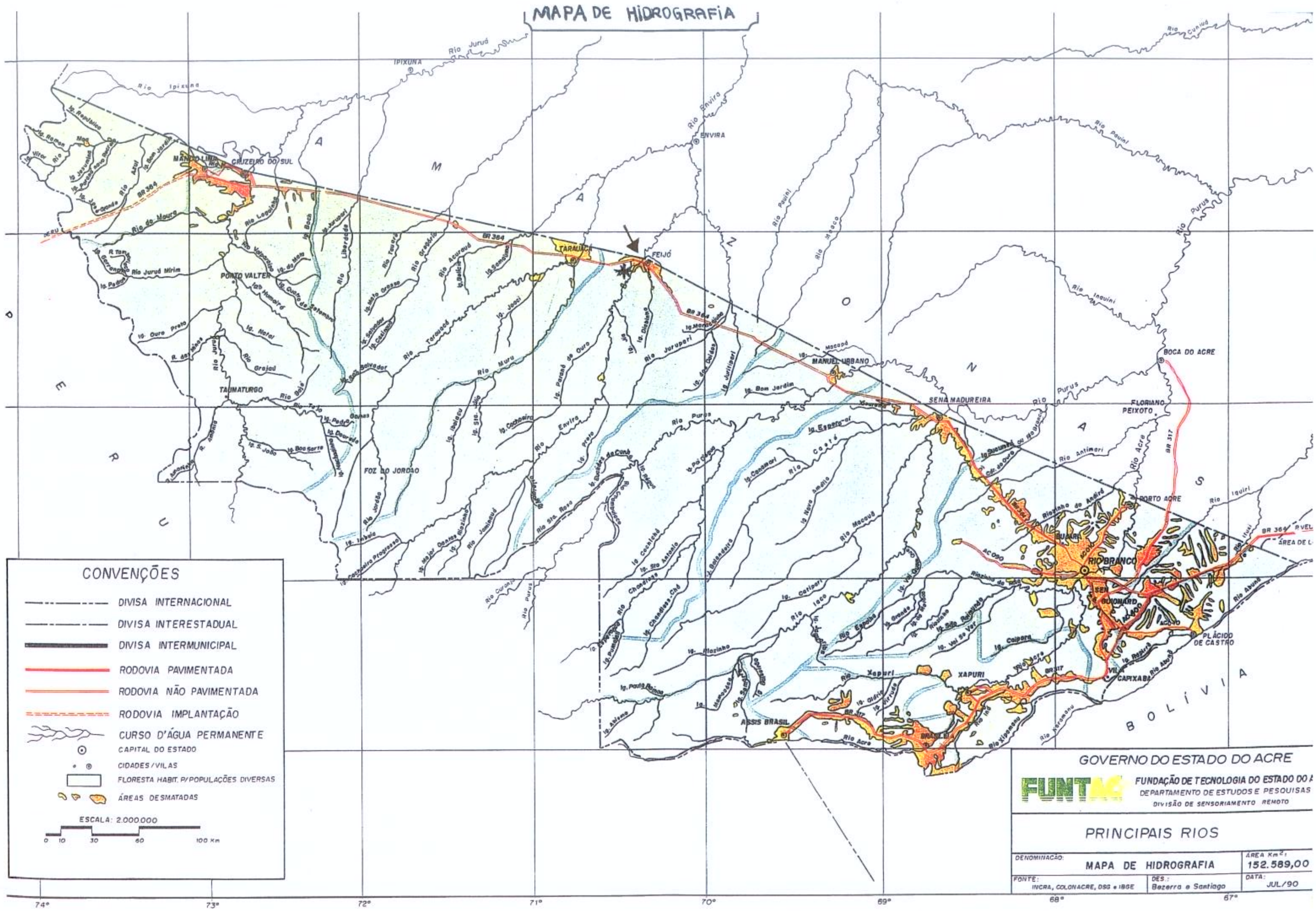
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS E PESQUISAS

DIVISÃO DE SENSORIAMENTO REMOTO

DISTRIBUIÇÃO DEMOGRÁFICA NAS ÁREAS DE CONSERVAÇÃO E PRESERVAÇÃO

DENOMINAÇÃO:	AREA Km²:
MAPA DE DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO	152.589,00
FONTE: ANUARIO ESTATISTICO, 1987. FUNAI, INCRA, COLONACRE E IBAMA	DES.: Bezerra e Santiago
	DATA: AGO/90

ÁREA INDÍGENA SHANENAWÁ



* ÁREA INDÍGENA SHANENAWÁ

SUMMARY

This dissertation describes the phonetics and phonology of Shanenawá, an Indian Language of Pano family. This language is spoken by people located alongside of the Envira river, at the municipal district of Feijó, State of Acre, Brazil.

The dissertation is divided in three main parts, two appendixes with a basic vocabulary, maps locating Shanenawá region and the bibliography.

The first part of the dissertation includes general information about the people, the Shanenawá language, and some discussion relating to the state of linguistics classification of the languages belonging to the Pano family. The field work and the methodology of elicitation of the data is mentioned in this part, too.

The second part concerns with the description of the phones and the phonemic analysis In this part we use traditional concepts such as opposition, free variation and complementary distribution (Pike, 1947; Kindell, 1981).

In the third part of the dissertation, we analyse some phonological processes following the more recent theories, i.e. Non-linear or Autosegmental phonology. Thus, this part covers the syllable structure, stress, and the phonetic and phonological behaviour of the approximants [w] and [j] which occur in Onset and Coda position. We also discuss, in this part, the assimilation of the nasal consonants in Coda position to the following obstruents in Onset position. Finally, we finished our work describing the nasalization of vowels and the coronal palatalization of the phone /s/ in the environment following coronal segments [i] and [j].

Key – words: Indian Languages; Phonology; Shanenawá Language.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, Maria Bernadete M. & WETZELS, Leo - Sobre a Estrutura da Gramática Fonológica. **Cadernos de Estudos Lingüísticos,** (23). Campinas: UNICAMP, 1992. p. 5-18.

ABREU, João Capistrano de - **Rã-txa hu-ni-ku-iâ. A língua dos Caxinauás do Rio Ibuacú Afluente do Murú.** 2. ed. Rio de Janeiro: Sociedade Capistrano de Abreu, 1941.

AGUIAR, Maria Sueli de- **Elementos de Descrição Sintática para uma Gramática do Katukina.** Dissertação de Mestrado em Lingüística. Campinas: UNICAMP, 1988.

_____ Los Grupos Nativos Katukina **Amazônia Peruana,** (23). Lima: CAAAP, 1993. p. 141-52.

_____ **Fontes de Pesquisa e Estudos da Família Pano**. Campinas: UNICAMP, 1994a.

_____**Análise Descritiva e Teórica do Katukina Pano**. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 1994b.

BARROS, Luizete - **A Nasalização Vocálica e Fonologia Introdutória à Língua Katukina (Pano).** Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP, 1987.

BISOL, Leda - O Ditongo na Perspectiva da Fonologia Atual. **D.E.L.T.A**. 5(2). São Paulo: ABRALIN, 1989. p. 185-224.

_------- O Sândi e a Ressilabação. **Letras de Hoje,** (104). Porto Alegre: PUCRS, 1996. p. 159-68.

BURQUEST, Donald A. & PAYNE, David - **Phonological Analysis**. Dallas, TX: Summer Institute of Linguistics, 1993.

CAGLIARI, Luís Carlos - **Elementos de Fonética do Português Brasileiro.** Tese de Livre Docência. Campinas: UNICAMP, 1981.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso - **Introdução às Línguas Indígenas Brasileiras.** Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1977.

-------- **A Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.

CÂNDIDO, Gláucia Vieira - **Análise Preliminar da Língua Shanenawá (Pano).** Monografia de final de curso de Bacharelado em Língua Portuguesa e Lingüística. Goiânia: UFG, 1995.

CHOMSKY, Noam & HALLE, Morris - **The Sound Pattern of English**. New York, NY: Harper & Row, 1968.

CLEMENTS, George - The Geometry of Phonological Features. **Phonology Yearbook,** (2). 1985. p. 225-52.

CLEMENTS, George & KEYSER, Samuel - **CV Phonology. A Generative Theory of the Syllable**. Cambridge, MA: MIT Press, 1983.

CLEMENTS George & HUME, Elizabeth V.- The Internal Organization of Speech Sounds. In: GOLDSMITH, John. (ed.). **The Handbook of Phonological Theory**. London: Basil Blackwell, 1995. p. 245-306

CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO - **Povos Indígenas no Brasil e Presença Missionária**. Brasília: CIMI, 1985.

CORBERA MORI, Angel - Estudios sobre Lenguas Indígenas Amazónicas en el Peru. **Amazônia Peruana,** (23). Lima: CAAAP, 1993. p. 37-74.

CRYSTAL, David - **Dicionário de Lingüística e Fonética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

CUNHA, Carla Maria - **A Morfossintaxe da Língua Arara (Pano) do Acre.** Dissertação de Mestrado. Recife: UFPE, 1993.

DAVIS, Philip W. - **Modern Theories of Language**. New Jersey: Prentice-Hall, 1973.

d'ANS, André-Marcel - **Materiales para el Estudio del Grupo Lingüístico Pano**. Lima: UNMSM. 1970.

------ **Estudio Glotocronológico sobre Nueve Hablas Pano**. Lima: CILA-UNMSM, 1973a.

------ Reclasificación de las Lenguas Pano y Datos Glotocronológicos para la Etnohistoria de la Amazonía Peruana. **Revista del Museo Nacional,** Tomo 39, Lima: Museu Nacional de Historia, 1973b. p. 349-69.

d'ANS, André-Marcel et alii. - **Problemas de Clasificaciones de Lenguas No-andinos en el Sul-este Peruano**. Lima: CILA-UNMSM, 1973.

GOLDSMITH, John - **Autosegmental Phonology**. Bloomington: IULC, 1976.

------ **Autosegmental and Metrical Phonology**. London: Basil Blackwell, 1990.

GRASSERIE, Raoul de la - De la Famille Linguistique Pano. **Actas del VII Congreso Internacional de Americanistas** (Berlín), 1890. p. 438-50.

GREENBERG, Joseph - The General Classification of Central and South American Languages. **Men and Cultures: Selected Papers of the 5th International Congress of Anthropologial and Ethnological Sciences**. Philadelphia, 1956.

------ **Language in the Americas**. Stanford: Stanford University Press, 1987.

HALLE, Morris & VERGNAUD, Jean-Roger. **An Essay on Stress**. Cambridge, MA: MIT Press, 1987.

HAYES, Bruce - Inalterability in CV Phonology. **Language,** (62). 1983. p. 321-52.

------ **Metrical Stress Theory (Principles and Case Studies).** Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

HERNANDORENA, Carmem L. M. - Introdução à Teoria Fonológica. In: BISOL, Leda (org). **Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997. p. 9-86.

JAKOBSON, Roman; FANT, Gunnar & HALLE, Morris - **Preliminaries to Speech Analysis**. Cambridge, MA: MIT Press, 1952.

JAKOBSON, Roman & HALLE, Morris - **Fundamentals of Language**. Mouton: The Hague, 1954.

JOURNAL OF THE INTERNATIONAL PHONETIC ASSOCIATION - **International Phonetic Alphabet** 25(1), London, June, 1996.

KAYE, Jonathan & LOWENSTAMM, Jean. Syllable Structure and Markedness Theory. In: BELLETTI, A.; BRANDI, L.; RIZZI, G. L. (eds) - **Theory of markedness in Generative Grammar**. Pisa: Scuola Normale Superiore, 1981. p. 287-316.

KENSTOWICZ, Michael - **Phonology in Generative Grammar**. London: Basil Blackwell, 1994.

KEY, Mary R. - **Comparative Tacanan Phonology: with Cariven)a Phonology and Notes on Pano-Tacana Relationship**. Séries Prática (50), Mouton, The Hargue. Janua Linguarum, 1968.

KINDELL, Gloria E. - **Guia de Análise Fonológica**. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.

KRAUSS, Michael - The World's Language in Crisis. **Language,** 68 (1). 1992. p. 4-10.

LADEFOGED, Peter - **Preliminaries to Linguistic Phonetics**. Chicago: University of Chicago, 1971.

------ **A Course in Phonetics**. New York: Harcourt Brace Jovanovich, Inc., 1975.

LAHIRI, Adite & EVERS, Vincent. - Palatalization and Coronality. In: PARADIS, Carole & PRUNET, Jean-François - **Phonetics and Phonology** 2. San Diego: Academic Press, 1991.

LIBERMAN, Mark & PRINCE, Alan. On Stress and Linguistic Rhythm. **Linguistic Inquiry** (8). 1977. p.249-336.

LIMA, Edilene C. - **Katukina: história e organização social de um grupo Pano do Alto Juruá**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 1994.

LOOS, Eugene E. - **The Phonology of Capanahua and its Grammatical Basis**. Tesis para optar el grado de Ph. D. Especialidad en Lingüística. Austin: University of Texas at Austin, 1967.

------ **Estudios Panos I**. Série Lingüística Peruana, (10). Yarinacocha: Instituto Lingüístico de Verano, 1973.

------ **Lingüística e Indigenismo Moderno de América**. Lima: IEP, 1975.

LÓPEZ MORALES, Humberto. - **Métodos de Investigación Lingüística**. Salamanca: Adiciones Colegio de Espanâa, 1994.

LOUKOTKA, Càestmir - Sobre la Classificación de las Lenguas Indígenas de la América del Sul. **Congresso Internacional de Americanistas** (26). Madrid, 1944. p. 411-15.

McCARTHY, John - OCP Effects: Gemination and Antigemination. **Linguistic Inquiry,** (17). 1986. p. 207-63.

MALMBERG, Bertil - **La Phonétique**. Paris: Universitaires de France, 1954.

MASON, John Alden. - The languages of South American Indians In: STEWARD, Julian (ed.) **Handbook of South American Indians**. Bureau of American Ethnology, Buelletin 6(143), 1950. p. 501-70.

MATEUS, Maria H. & D'ANDRADE, Ernesto. - The syllable Structure in European Portuguese (A estrutura da Sílaba em Português Europeu). **D. E. L. T. A**. 14(1). São Paulo: ABRALIN, 1998. p. 13-32.

McQUOWN, Norman A. - Indigenous Languages of Latin America. **American Anthropologist**, 57, 1955. p. 501-70.

MOHANAN, K. P. - **The Theory of Lexical Phonology**. Dordrecht: Reidel, 1986.

MUSEU NACIONAL - **O Setor Lingüístico do Museu Nacional (Organização e Objetivos)**. Publicações Avulsas. Rio de Janeiro, 1965.

NESPOR, Marina & VOEGEL, Irene - **Prosodic Phonology**. Dordrecht-Holland: Foris Publications, 1986.

PIGGOTT, Glyne - The Parameters of Nasalization. **McGill Working Papers in Linguistics** 5(2). 1988. p. 128-77.

PIKE, Kenneth Lee - **Phonetics**. Michigan: University of Michigan, 1943.

------ **Phonemics: a Technique for Reducing Languages to writing**. The University of Michigan Press, Ann Arbor, 1947.

------ **Language in relation to a unified theory of the structure of human behavior**. The Hague: Mouton, 1967.

------ Immediate Constituents of Mazateco Syllables, **IJAL,** (13). 1947. p. 78-91,

PULLEYBLANK, Douglas. **Tone in Lexical Phonology**. Dordrecht: Reidel, 1986.

RIBEIRO, Darcy - **Os Índios e a Civilização**. Rio de Janeiro: Vozes, 1982.

RIBEIRO, Darcy & WISE, Mary Ruth - Los Grupos Étnicos de la Amazonía Peruana. **Comunidades y Culturas Peruanas,** (13). Lima: ILV, 1978.

RICARDO, Carlos Alberto (org.) - **Povos Indígenas no Brasil 1991/1995**. São Paulo: Instituto Socioambiental. Seção: Acre, 1996. p. 513-38.

RIVET, Paul - Les Katukina - étude linguistique. **Journal de la Societé des Americanistes.** Tomo XII, Paris, Nouvelle. 1920. p. 55-63.

RIVET, Paul & LOUKOTKA, Càestmir. - Langues de l'Amérique du Sud et des Antilles.In: MEILLET, Antonio & COHEN, Marcel. **Les Langues du Monde,** Nouvelle édition, Paris: CNRS, 1952. p. 1099-160.

ROCA, Iggy - **Generative Phonology**. London: Routledge, 1994.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. - **Línguas Brasileiras: para um Conhecimento das Línguas Indígenas.** São Paulo: Loyola, 1986.

------- Línguas Indígenas: 500 anos de Descoberta e Perdas. **D.E.L.T.A.** 9 (1). São Paulo: ABRALIN, 1993. p. 83-103.

SCHMIDT, P. W. - **Die Sprachfamilien und Sprachenkreise der Erde**. Heidelberg: Calr Winters's Universitäts-buchhandlung, 1926.

SELKIRK, Elizabeth - **On Prosodic Structure and its Relation to Syntactic Structure**. Bloomington: IULC, 1980.

------- The Syllable. In: HULST, Harry van der & SMITH, Norval. (1982). **The structure of Phonological Representations**. v. 2, Dordrecht: Foris, 1982. p. 337-83.

SHELL, Olive A. - **Estudios Panos III: Las Lenguas Pano y su Reconstrucción**. 2. ed. Lima: ILV SLP, 1985. n. 12.

SHELL, Olive A. - & WISE, Mary Ruth. **Grupos Idiomáticos del Peru**. Lima: SIL, 1971.

SUÁREZ, Jorge A. - **Estudios sobre Lenguas Indígenas Sudamericanas**. Bahía Blanca-Argentina: Universidad Nacional del Sur, 1988.

------ Moseten and Pano-Tacanan. **Anthropological Linguistics** 11(9), 1969. p. 255-66.

------ Macro-Pano-Tanacan. **IJAL,** (39). 1973. p. 137-54.

SWADESH, Mauricio - Towards greater accuracy in lexicostatistic dating. **IJAL,** (21). 1955. p. 121-37.

------ **Mapas de clasificaciones de México y las Américas**. México: UNAM, 1959.

TASTEVIN, R. P. - Quelques considérations sur les indiens du Juruá. **Bulletin de la Société d'Anthropoligie de Paris**, série 6-10, 1919. p. 144-54.

------ Chez les indiens du Haut - Jurua (Rio Gregório). **Missions Catoliques**, LVI: 1924. p 65-67, p. 78-80; p. 90-93; p. 101-04.

------ Le fleuve Maru. **La Géographie**. Tomos XLIII e XLPIV Paris, 1925. p. 403-22 e 14-35.

------ Le Riozinho da Liberdade. **La Géographie**. Tomo XLIX, Paris, 1928. p. 205-15.

TOVAR, Antônio e TOVAR, Consuelo L. - **Catálogos de las Lenguas de América del Sur**. Madrid: Editorial Gredos. Nueva edición refundida, 1984.

TOWNSLEY, Graham. - Los Yaminahua. In: SANTOS, F. & BARCLAY, F. (eds.) **Guía Etnográfico de la Alta Amazonía,** V. II. Quito FLACSO-IFEA, 1994. p. 239-58.

WEISS, Helga E. - **Fonética Articulatória. Guia e Exercícios**. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1988.

WELLS, John & HOUSE, Jill - **The Sounds of International Phonetic Alphabet**. London: UCL, 1995.

WETZELS, Leo (org) - **Estudos Fonológicos das Línguas Indígenas Brasileiras**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

7. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BOOIJ, Geert - On the Representation of Diphthongs in Frisian. **Journal of Linguistics** 25, Great Britain, 1989.

CAMARGO, Eliane - **Phonologie, Morphologie et Syntaxe: Étude Descriptive de le Langue Caxinawa (Pano).** Tese de Doutorado. Paris: Universidade Paris IV, 1991.

COLLISCHONN, Gisela - A Sílaba em Português. In: BISOL, Leda (org) **Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

CORBERA MORI, Angel - Preservação de Estrutura e Extraprosodicidade na Estrutura Silábica do Aguaruna (Jívaro). **Letras de Hoje,** (104). Porto Alegre: PUCRS, 1996. p. 139-48.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO (Brasil) - **Informações sobre Áreas Indígenas.** Brasília, 1989. 27 p.

GUERSSEL, Mohamed - Glides in Berber and Syllabicity. **Linguistic Inquiry** 17(1), 1986. p. 1-12.

HOGG, Richard & McCULLY, C. B. - **Metrical Phonology: A Coursebook**. London: Cambridge University Press, 1987.

ITÔ, Junko. - **Syllable Theory in Prosodic Phonology**. Ph.D. Dissertation. Amherst: University of Massachussetts, 1986.

MARTÍN, Eusebia H. - **Qué es la Investigación Lingüística**. Columba. Coleción Esquemas (115), Buenos Aires: Editorial, 1972.

SEKI, Lucy (org.) - **Lingüística Indígena e Educação na América Latina**. Campinas: UNICAMP, 1993.

WETZELS, Leo - The Lexical Representation of Nasality in Brazilian Portuguese. **Probus** (9). Walter de Gruyter, 1997. p. 203-32.